



**ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE ARTILHARIA**

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**“A Tipologia da Moderna Conflitualidade e as suas
Repercussões no Combatente”**

Autor: Aspirante Aluno Vítor António Pereira Pinto

Orientador: Coronel CAV Tirocinado Doutor Nuno Mira Vaz

Co-Orientador: Tenente-Coronel INF Lopes Antão

Lisboa, Julho 2009



**ACADEMIA MILITAR
DIRECÇÃO DE ENSINO
CURSO DE ARTILHARIA**

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**“A Tipologia da Moderna Conflitualidade e as suas
Repercussões no Combatente”**

Autor: Aspirante Aluno Vítor António Pereira Pinto

Orientador: Coronel CAV Tirocinado Doutor Nuno Mira Vaz

Co-Orientador: Tenente-Coronel INF Lopes Antão

Lisboa, Julho 2009



DEDICATÓRIA

*A todos os que colaboraram e
participaram neste trabalho.*



AGRADECIMENTOS

Durante a realização do presente trabalho foi proporcionado reunir conhecimentos num âmbito que se revelou ser extremamente aliciante. Se a ajuda de que dispus não tivesse existido não seria possível alcançar a meta que nos foi proposta. Sendo assim deixo de seguida neste manuscrito a intenção de nunca esquecer todos os que me ajudaram até ao presente dia.

Ao Senhor Coronel de Cavalaria Tirocinado Doutor Nuno Mira Vaz, o meu Orientador, por toda a dedicação, empenho e por toda a sua vontade para que este trabalho chegasse a bom porto.

Ao meu Co-Orientador, Senhor Tenente-Coronel de Infantaria Gualdino Antão, por todo o empenhamento, interesse e resiliência que demonstrou no desenrolar deste trabalho.

Ao Senhor Tenente-Coronel Nunes Silva por todas as condições que proporcionou, e pelo seu empenho e dedicação.

Ao Senhor Tenente-Coronel de Infantaria Marçal de Sousa pelo seu tempo disponibilizado e por todos ensinamentos e experiências que me transmitiu.

Ao Senhor Major de Infantaria Carriço, pela simpatia e pela vontade de ajudar que demonstrou, bem como pelos contactos facultados.

Aos Senhores Oficiais: Major de Infantaria Castro Ferreira, Major de Cavalaria Rui Brito, Major de Engenharia Domingues, por toda a hospitalidade com que me receberam, e pelos conhecimentos que me transmitiram.

A todos os Senhores Oficiais que contribuíram para a minha formação, agradeço todos os conhecimentos que me transmitiram.

À Senhora Professora Sara Ferreira por toda a simpatia e disponibilidade que demonstrou.

À minha família, que me deu o apoio necessário para que mesmo nas situações mais delicadas da vida eu as ultrapassa-se.

A todos vós um Obrigado muito especial e sentido.



ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
ÍNDICE GERAL	iii
RESUMO	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo1 – Caracterização da Nova Conflitualidade	6
1.1 – Introdução	6
1.2 – Conflitos – Evolução.....	6
1.2.1 – Conflitos desde a Segunda Guerra Mundial até 1990/ A articulação dos conflitos violentos desde a II GM até 1990.....	7
1.2.2 – A evolução dos conflitos desde 1990 até à actualidade.....	8
1.3 – Os “novos” conflitos	12
1.3.1 – Os tipos de Guerras	12
1.3.2 – Características dos conflitos modernos ou novos conflitos	16
1.3.3 – Causas dos modernos conflitos/novos conflitos	17
Capítulo 2 – Repercussões no Combatente.....	19
2.1 – Introdução	19
2.2 – O militar do século XXI.....	19
2.2.1 – A formação – o caso dos Oficiais	19
2.3 – Os constrangimentos do combatente	22
Parte Prática.....	25
Capítulo 3 – Metodologia	25
3.1 – Introdução	25
3.2 – Método de Abordagem.....	25
3.3 – Procedimentos e Técnicas	26
3.3.1 – Entrevistas	26
3.4 – Meios utilizados.....	27
3.5 – Conclusão	27
Capítulo 4 – Apresentação e discussão dos resultados	28
4.1 – Introdução	28
4.2 – Análise	28



4.3 – Conclusões	33
Capítulo 5 – Considerações Finais	34
5.1 – Considerações	34
5.2 – Limitações	39
5.3 – Investigações futuras	40
Referências Bibliográficas.....	41
APÊNDICES	44
Guião de entrevista	45
Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado A.....	46
Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado B.....	47
Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado C	48
Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado D	49
Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado E.....	50
Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado A.....	51
Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado B.....	52
Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado C	53
Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado D	54
Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado E.....	55
Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado A.....	56
Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado B.....	57
Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado C	58
Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado D	59
Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado E.....	60
Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado A.....	61
Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado B.....	62
Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado C	63
Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado D	64
Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado E.....	65
ANEXOS.....	66
ANEXO A – Processo de registo do ciclo de estudo	67
ANEXO B – Plesmil projecto para 2010/2011	73
ANEXO C – Regulamento da Academia Militar	78



RESUMO

O tema do presente trabalho “A tipologia da moderna conflitualidade e as suas repercussões no combatente”, propõe-se caracterizar os aspectos gerais da moderna conflitualidade, bem como avaliar as repercussões que ela tem nos combatentes, com o principal objectivo de obter respostas consistentes acerca das medidas a tomar para se evitarem ou no mínimo para limitar as repercussões negativas sobre os militares.

A investigação é orientada segundo um método de pesquisa que assentou essencialmente na compreensão de pressupostos teóricos, que recolhemos numa exaustiva pesquisa bibliográfica que percorre caminhos do âmbito da sociologia militar, e, ao mesmo tempo, da compreensão da conjuntura internacional. Confronta-se a teoria recorrendo-se a testemunhos de militares que estiveram em contacto com realidade. Recorreu-se a entrevistas como suplemento de busca de informação.

Encontramo-nos perante uma realidade conflitual que podemos dizer que é caracterizada por combates frequentemente travados em meio urbano e como tal envolvendo as populações. De qualquer modo, se estes não vivessem na primeira pessoa as consequências, podiam acompanhá-las através do relato praticamente em tempo real feito pelos diversos órgãos de comunicação social.

O conflito armado actual apresenta características largamente inéditas quer ao nível dos actores, dos teatros de operações, das motivações/causas entre outras. Esta tipologia permite que a luta seja travada com recurso a meios de tecnologia acessível ao comum dos cidadãos. Fruto do evoluir dos conflitos, o militar dos nossos dias tem cada vez mais evidente necessidade de ser formado para enfrentar as novas exigências, como sejam a sua capacidade de lidar com diferentes povos, com diferentes costumes; de desempenhar durante o dia operações distintas, e se solicitado estabelecer contacto com os *media*.

Palavra-chave: TIPOLOGIA DOS CONFLITOS; REPERCUSSÕES NO COMBATENTE; SOCIOLOGIA MILITAR; FORMAÇÃO;



ABSTRACT

The theme of this work "The typology of modern conflict and its effects on combatant" it is proposed to characterize the general aspects of modern conflict and evaluate the impact on the combatants with the major objective of obtaining consistent answers about what measures to avoid or at least to limit the negative impact on the military.

The study was guided by a method of research that relied primarily on understanding the theoretical assumptions, we collect a comprehensive literature search that runs under the tracks of military sociology, and at the same time understanding part of the international environment. Interviews were used as a supplement and search of information.

Nowadays facing a reality that we can say the conflict is frequently characterized by battles fought in urban areas and as involving the people. Anyway, if they do not live this in first person the consequences could be followed in real time made by the various media.

The current armed conflict has characteristics mostly unmatched in terms of group of actors, the theaters of operations, the reasons, the causes and others. This approach allows that the fight is waged using the technology resources available to the common citizens. Result of evolving conflicts the military of today is becoming gradually more clear and need to be trained to meet the new necessities such as its ability to deal with different peoples with different customs, to perform separate operations during the day, and if requested to establish contact with the media.

Keywords: TYPE OF CONFLICT, THE REPERCUSSIONS COMBATANTS; MILITARY SOCIOLOGY; PREPARATION;



INTRODUÇÃO

Enquadramento

“A tipologia da moderna conflitualidade e as suas repercussões no combatente” é o tema que será desenvolvido neste Trabalho de Investigação Aplicada, sendo este, parte integrante do Tirocínio para Oficial de Artilharia da Academia Militar.

Justificação

Portugal faz-se representar, desde 1996, por Forças Nacionais Destacadas (FND) em diversos Teatros de Operações. As características destes ambientes operacionais são em muitos aspectos diferentes daquelas que marcam os conflitos armados convencionais, tornando-se, por isso, necessário entender em que medida afectam os comportamentos individuais e colectivos, e, com base nesse conhecimento reconhecer se existe alguma necessidade de optimização na preparação dos nossos militares. Como se sabe, uma boa parte da moderna conflitualidade desenvolve-se no seio das populações, envolve um leque de protagonistas desconhecidos, tem lugar em locais remotos com geografia variada e é testemunhada quase em permanência pela Comunicação Social, com destaque para a Televisão.

Note-se, portanto, que se trata de um tema de grande actualidade, tornando-se, por isso, extremamente aliciante e motivador desenvolver sobre ele um trabalho de investigação no âmbito da sociologia militar. Este trabalho revela-se muito importante para a instituição podendo contribuir com algumas conclusões que podem, de certo modo, ajudar a colmatar algumas falhas que possam não estar evidenciadas de forma tão explícita quanto pretendemos conseguir com sua concretização.

Devo referir, que este trabalho é de particular interesse, uma vez que, me permitirá ter uma visão mais alargada ao nível dos conflitos na actualidade, bem como, das lacunas que poderão existir na nossa formação.

Delimitação do tema

Um tema deste cariz, tem a particularidade de ser muito vasto, pelo que se torna necessário delimitá-lo. De outra forma, seriam muitos os “caminhos” a seguir, que provavelmente resultavam num consumir de tempo e recursos de que não dispomos, por outro lado, este exercício de delimitação ajuda à objectivação e à concentração de recursos, orientados para as questões colocadas e as suas eventuais hipóteses de resolução.



Deste modo, foi delimitado o estudo para a análise e recolha de dados provenientes de vários oficiais que tenham desempenhado funções de comando FND, ou semelhante, e que desta forma possam partilhar o seu ponto de vista da situação actual, essencialmente em termos de preparação das forças. Em termos temporais, estamos a falar do período que compreende o pós Guerra-Fria, ou seja, compreende essencialmente os conflitos em que conservamos forças nos Teatros de Operações (TO), em cena.

Para que não se estenda por caminhos que não os pretendidos e para que conseguíssemos ter material mais consistente no terreno, limitamos o nosso estudo aos oficiais que foram formados na Academia Militar, que tiveram funções de comando ou chefia e lidaram directamente com aspectos que nos interessam abordar no âmbito das competências e atributos desejados para o Oficial.

Assim, serão analisados neste trabalho aspectos ao nível da formação dos militares que desenvolveram funções de comando em modernas realidades conflituais. Conseguindo, deste modo, ter uma ideia esclarecedora sobre os ambientes conflituais e as aptidões dos nossos militares.

Orientação Metodológica

A pesquisa bibliográfica, bem como as entrevistas fazem parte dos métodos utilizados para a realização do presente trabalho. Este trabalho tem por base uma **questão central**:

“De que forma, as características da moderna conflitualidade militar (VI), se repercutem na preparação técnico-táctica (VD) do combatente do Exército Português?”

Para responder a esta questão central, torna-se necessário trabalhar em questões derivadas, tais como:

- “Qual a tipologia dos modernos conflitos armados?”
- “Como se caracteriza a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais, se confrontam nos dias de hoje?”;
- “*Que formação recebem os militares para responder às evoluções do Campo de Batalha?*”
- “Que formação recebem os militares para responder às evoluções do Campo de Batalha?”



- “A formação que os militares recebem é adequada e focada para as actuais missões, sabendo que, existe a necessidade de estabelecer contacto com os *media*?”

A reflexão sobre estas questões orientou todo o trabalho de pesquisa, que está assente em pressupostos por nós considerados e deram origem às seguintes hipóteses:

- Hipótese 1 – A maior necessidade de formação do Combatente, em Combate, em Áreas Edificadas, explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem, privilegiadamente sobre os meios urbanos.
- Hipótese 2 – O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de uma maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente, no que diz respeito, a atitudes, cultura, comportamentos, religião.
- Hipótese 4 – Os *media* são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.
- Hipótese 5 – A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios.

Deste problema e do conjunto de hipóteses levantadas inicialmente, se depreende que o nosso esforço de pesquisa incidirá, prioritariamente, sobre as seguintes variáveis:

Variáveis Independentes (explicativas): características da nova conflitualidade – conflitos locais, conflitos de curta duração; diversidade cultural, presença dos *media* nos diversos TO, tecnologia como ferramenta de uso vulgar;

Variáveis Dependentes (explicadas): repercussões no militar combatente – formação – conhecimento de hábitos e culturas, conhecimentos linguísticos, estabelecer contacto com os *media*, lidar com populações;



No final, serão confirmadas ou refutadas as hipóteses entretanto levantadas, de acordo com as conclusões a que se foi possível chegar com os dados recolhidos, e, em função dos constrangimentos a que este trabalho foi sujeito.

Limitações

O método de recolha de entrevistas foi o “snowball”¹ (bola de neve), e assentou numa amostra por conveniência, dada a urgência e rapidez necessária para entrevistar o maior número de Oficiais, sempre respeitando as características anteriormente referidas para os sujeitos. No período final de realização do Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) atribuído, muitos dos oficiais que caíam nos critérios estabelecidos para a entrevista já não se encontravam nas unidades, dificultando a realização destas.

Articulação do trabalho / Síntese dos Capítulos

No primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre a **Caracterização da Nova Conflitualidade**, é uma denominação que à partida nos dará a percepção de que o assunto que se segue será muito amplo, exigindo portanto uma clara delimitação do objecto e dos conceitos em que nos vamos apoiar para a sua análise. Porém, a nossa intenção será a de apresentar uma breve sequência lógica do evoluir dos conflitos, e, ainda iremos enunciar aqueles que são os tipos de conflitos armados de especial relevância para o trabalho.

O segundo capítulo, **Repercussões no Combatente**, reservado à análise e reflexão teoricamente sustentada acerca dos militares do século XXI, mais propriamente, dos Oficiais do Quadro Permanente (QP). Este assunto será conduzido para a vertente da formação, em que vamos analisar as principais linhas orientadoras da formação dos Oficiais, ao nível da Academia Militar (AM), bem como, verificar quais os parâmetros que foram abraçados pela instituição para fazer face ao evoluir da actualidade.

O terceiro capítulo, e obrigatório num trabalho desta importância, é o respeitante à **Metodologia**, onde será explicitado o caminho percorrido, os procedimentos adoptados, os métodos e técnicas mobilizados, bem como os instrumentos de recolha de informação utilizados e os meios disponibilizados.

O quarto capítulo, que considera a **Apresentação e Discussão dos Resultados** adquiridos através do contacto com militares que integraram FND, no qual estão expostas as questões que nos ajudaram a desenvolver este trabalho, e, de certa forma, conseguir algumas conclusões que por outros meios não nos seriam possível obter.

¹ *Snowball* é um método que consiste em: dos primeiros entrevistados pedir a indicação de outros que também conheçam e estejam por dentro da matéria, por sua vez os próximos indicam outros, e assim sucessivamente. A selecção desses indivíduos, respeitou os critérios da amostra.



O quinto e último capítulo, diz respeito às **Considerações Finais**, em que teremos em conta todos os aspectos abordados e chegaremos às conclusões que nos forem permissíveis, respondendo à questão central e derivadas, e verificar a validade das hipóteses anteriormente citadas.



Enquadramento Conceptual

Capítulo 1 – Caracterização da Nova Conflitualidade

1.1 – Introdução

A moderna conflitualidade é um tema bastante delicado, uma vez que é algo que não está propriamente definido por um padrão de acontecimentos muito regulares, e, desta forma a sua caracterização revela-se algo sensível. Apesar de um grupo numeroso de especialistas ter já produzido um importante corpo teórico sobre o assunto, continua a não ser possível apresentar as características da moderna conflitualidade com a mesma facilidade com que se apresentavam as características dos conflitos convencionais.

Neste capítulo, propomo-nos a apresentar as características que se evidenciam nos actuais conflitos, analisando a sua evolução e o que significam na actualidade.

1.2 – Conflitos – Evolução.

O conflito enquanto conceito é alvo de estudo desde há muito tempo, como tal é obvio que as definições tiveram a sua evolução, e então tomamos como verdadeiras duas, que sendo diferentes servem para nos abrir caminhos dado que uma é segundo uma visão da Estratégia e outra pelo lado da Sociologia. Da nossa doutrina retiramos a definição de conflito como sendo um fenómeno social que acompanha a evolução do ser humano e que se caracteriza por constituir “...um *afrontamento intencional entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestem, um em relação ao outro, uma intenção hostil, em geral a propósito de um direito, e que para manterem, afirmarem ou restabelecerem esse direito, procuram quebrar a resistência do outro, eventualmente pelo recurso à violência física, a qual pode tender, se necessário, ao aniquilamento.*”²

Por outro lado, alguns investigadores argumentam que a “*origem do conflito encontra-se na estrutura social. Em todas as sociedades há interesses desiguais para os cidadãos e para os grupos, o que leva alguns deles a assumirem posições de domínio relativamente aos outros. Por seu turno, e da parte dos restantes surge a recusa desse domínio.*”³ Maria da Saudade Baltazar, por exemplo, vê o conflito como factor de mudança social que estrutura e transforma os grupos ou as sociedades; para que o conflito se processe, basta que existam opiniões divergentes dentro de um aglomerado social, ou entre

² COUTO, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia*, Lisboa I.A.E.M., 1988, p.100

³ BALTAZAR, Maria da Saudade, *(Re)Pensar a Sociologia dos Conflitos: a Disputa Paradigmática entre a Paz Negativa e/ou Paz Positiva*, in *Nação e Defesa*, nº 116, 3ª Série, Primavera 2007, p.165



dois indivíduos; o conflito está intimamente ligado à estruturação das relações e posições daí resultantes; o conflito estrutura-se consoante o contexto ou a situação em que se processa, sendo também a sua influência na sociedade condicionada segundo esses factores.

1.2.1 – Conflitos desde a Segunda Guerra⁴ Mundial até 1990/ A articulação dos conflitos violentos desde a II GM até 1990

Quincy Wright, afirma que *“Há portanto sentidos em que a Guerra é um fenómeno orgânico, outros em que é um fenómeno humano, e os outros em que é um fenómeno da civilização”*.⁵

Ao longo dos tempos, as guerras são como que o espelho daquelas que eram as capacidades tecnológicas e militares, ideias e crenças, bem como, dos costumes das sociedades existentes. Sobressai-se aqui o desenvolvimento tecnológico que se verificou em cada época, tendo-se sentido essencialmente ao nível do sector do armamento e das técnicas de combate. A descoberta do poder Nuclear trouxe novas capacidades de destruição, de tal modo que pôs em risco o futuro da civilização. *“...a emergência de indústrias militares relativamente desenvolvidas em diversas potências regionais, e a relativa proliferação de armas de destruição maciça e de mísseis de grande alcance vieram trazer um significativo acréscimo à periculosidade dos numerosos conflitos regionais.*

As enormes quantidades de munições e mesmo mísseis consumidas também traduziam elevadas baixas ao nível de material e pessoal, estes consumos elevados poderiam fazer com que um estado, mesmo que muito rico se encaminhasse para a sua “falência” devido aos custos para sustentar a guerra.

Da mesma forma que evoluem os conflitos, evoluem também as formas de regulação, e neste período verifica-se um crescer das associações quer internacionais quer transnacionais com objectivos muito para além das alianças tradicionais.

*As ideias que contrariam a utilização da guerra são algo que se disseminou neste período, o qual é então visto como um “desrespeito dos direitos do homem, à discriminação das minorias...”*⁶

⁴ “A Guerra é um estádio nas relações dos Estados, grupos políticos organizados no interior de Estados, em que estes pretendem resolver conflitos entre si pela coacção, quer com o emprego efectivo dos meios de coacção militar, quer sob a ameaça”, *Estratégia*, NC-70-01 Cap. IV p.5, IAEM.

⁵ WRIGHT, Quincy, *A study of War*, The University of Chicago Press, 1983, pp.33-41



Caracteriza-se também este período pela “violência simbólica”, como diz Raul François Martins, antigo subdirector do IDN, que se materializa na ameaça potencial dos mísseis, das divisões e das esquadras. A par da espionagem e da propaganda, a mobilização e aprontamento de forças são as principais características deste período. Toda esta envolvente dá-nos então a ideia da violência simbólica atrás referida.

O poder das alianças entre as Potências de então e os enormes custos para a sustentabilidade dos modernos sistemas de armas, tornaram-se como que factores de limitação às guerras convencionais.

Seguindo Ruppert Smith, *“a última batalha de carros de combate, a qual as formações blindadas de dois exércitos se digladiaram com o apoio de artilharia e forças aéreas, teve lugar durante a guerra israelo-árabe de 1973, nos Montes Golan e no Deserto do Sinai.”*⁷ A passagem essencial para este paradigma começou com o aparecimento de armas nucleares, em meados de 1945, como ponto essencialmente dominante durante 1989-1991 coincidindo com o final deste confronto prolongado. A partir do final da Guerra-Fria deixamos de ter exércitos com forças convencionais muito numerosas, cuja missão era a batalha campal, e passamos para uma enorme diversidade de combates, cujos combatentes podem ou não fazer parte de exércitos e recorrem a armamentos muitas vezes improvisados.⁸

1.2.2 – A evolução dos conflitos desde 1990 até à actualidade

Este período fica marcado pelas profundas alterações naquelas que são as referências da conflitualidade internacional, em que as “novas guerras” (Kaldor, 1999), que são também apeladas de Conflitos de Fraca Intensidade (CFI) têm características que as distinguem das “Guerras Clássicas”.

O culminar da Guerra-Fria, marco crucial para limitarmos este período, trouxe ao mundo acontecimentos de importante relevância, como sejam a queda do muro de Berlim, a unificação alemã, as dificuldades internas da URSS com o posterior fracasso do comunismo e as crescentes quedas de ditaduras pelo mundo fora, dando lugar a democracias, sem dúvida, marcos importantes na História e decisivos para os dias de hoje.

⁶MARTINS, Raul François, *A fenomenologia da guerra, da paz e dos conflitos*, in Nação e Defesa, nº65, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, 1993, p.3

⁷ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, p.19

⁸ *Idem*, p.21



Ao longo do século XX, em particular na segunda metade, as baixas de "guerra" não ocorreram apenas durante conflitos armados tidos como tradicionais mas em guerras com fronteiras perfeitamente nítidas. Como lembra Mary Kaldor (2001), ao mesmo tempo que se viviam guerras assumidas enquanto tal, em particular na Europa, eclodiram noutros locais conflitos nos quais morreram mais pessoas do que na II Guerra Mundial. No entanto, como estas guerras não se ajustavam a uma determinada concepção de guerra, não foram tidas em consideração mas foram vistas como periféricas, marginais, "conflitos de baixa intensidade", guerras irregulares e informais, e, portanto, abafadas pela importância de conflitos considerados centrais. Estas formas de violência que não se ajustavam a uma concepção tradicional de guerra, com actores, técnicas e estratégias "atípicas", vieram a ser, já nos nossos dias, académica e politicamente aceites como "guerras a sério", reconhecidas pela comunidade internacional enquanto tal. Temos vindo a assistir, portanto, a uma tendência para a materialização de uma nova geografia da violência organizada, a uma escala cada vez mais micro, com guerras locais que têm impacto à escala global.

As novas características da violência fazem de facto com que as diferenças entre as zonas de combate e as zonas de paz aparente não sejam tão claras como em épocas anteriores e que, neste novo cenário, *"Assim como é difícil distinguir entre o político e o económico, o público e o privado, o militar e o civil, [seja] também cada vez mais difícil distinguir entre a guerra e a paz"*⁹.

*"A guerra no seio do povo ou no seio das populações é uma descrição visual das modernas situações de guerra, e também uma estrutura conceptual: reflecte a dura realidade da ausência de um campo de batalha isolado no qual os exércitos se defrontam, e o facto de não existirem necessariamente exércitos – por certo nem todos os intervenientes os possuem."*¹⁰ A guerra no seio do povo apresenta contornos diferentes daqueles a que assistíamos outrora, as pessoas na rua, no campo, em suas próprias casas são parte integrante do novo campo de batalha. Estes podem mesmo até ser alvos ou objectivos a serem considerados pelos "inimigo".

Van Creveld, diz-nos que a guerra convencional, que até agora havia dominado as organizações dos aparelhos militares, bem como, o pensamento militar em geral, está a desaparecer. E, estamos então numa era caracterizada pelos Conflitos de Fraca Intensidade (CFI's), que vêm como que substituir as guerras "antigas" ou tradicionais. Podem verificar-se como diferentes fenómenos, por exemplo o caso do terrorismo, insurreição, guerrilha e, tal

⁹ KALDOR, Mary, *New and Old Wars: Organised Violence in a Global Era*, Stanford University Press, 1999, p.143

¹⁰ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, pp. 21-22



como nos diz este autor, depois de assistirmos aos conflitos na Bósnia, no Kosovo, Chechénia, Afeganistão e Iraque, não nos restam dúvidas.

Estando a guerra na base de todas as actividades humanas “...o processo de combate nos Conflitos de Fraca Intensidade levará os dois beligerantes a adoptarem comportamentos semelhantes (...) os conflitos generalizados desta natureza farão desaparecer as distinções entre governo, forças armadas e povo. As soberanias nacionais estão já a ser minadas por organizações que recusam reconhecer o monopólio do Estado sobre a violência armada. Os exércitos serão substituídos por forças do tipo policial, por outro lado, e por grupos de bandidos, por outro... As fronteiras nacionais, que de momento constituem o maior obstáculo ao combate aos Conflitos de Fraca Intensidade, podem ser obliteradas, ou tornar-se inúteis, à medida que os grupos rivais se envolvam em perseguições mútuas através delas.”¹¹ Deste modo, não estamos num campo de batalha definido, este poderá estender-se sobre diversas áreas, e, assim, o seu desenrolar será no seio das populações. Nordstrom diz-nos que as guerras sujas¹² têm como objectivo final a vitória, não através de técnicas e tácticas muito metodológicas, mas sim através do horror.¹³

É então tempo de reconhecermos a inegável mudança de paradigma¹⁴ na guerra. Tínhamos exércitos cujas características eram comparáveis e que se defrontavam em batalhas campais; agora ocorrem confrontos entre combatentes de mais variada natureza e proveniência, que não estão necessariamente colocados em exércitos, e que combatem com recurso a armas muitas vezes improvisadas.

A principal inovação, no que diz respeito aos locais onde se desenrolam os conflitos actualmente, é o facto de estes se desenrolarem no seio das populações, e estamos aqui a fazer desde já uma descrição visual das modernas condições da guerra, e ao mesmo tempo, está subjacente a dura realidade da ausência do campo de batalha bem demarcado, no qual os exércitos se defrontavam, e, ainda o facto de os exércitos não serem uma presença obrigatória no local do conflito.

“O inimigo é *sempre* uma entidade reactiva que não só não faz tentações de se enquadrar nos nossos planos, como procura activamente frustrá-los – enquanto elabora os

¹¹ Martin van Creveld, “The Transformation of War”, NI, The Free Press, 1996, p.20

¹² Guerras Sujas – Designação para as guerras em que habitualmente se recorria a mercenários para se proceder ao aniquilar de pessoas-chave.

¹³ NORDSTROM, Carolyn, “The Backyard Front”, in C. Nordstrom e J. Martin (eds.), *The Paths to Domination, Resistance, and Terror*, Berkeley, CA, University of California Press, 1992, p.261.

¹⁴ Kuhn definiu os paradigmas como “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares a uma comunidade de praticantes”.



seus próprios planos.”¹⁵ Estamos então perante um inimigo que não é estático à semelhança de um alvo de treino, que é visto agora como um adversário, um oponente, ou força opositora¹⁶, a resposta a este adversário nem sempre terá a mesma adaptação, como seja um ensinamento muito importante que Sir Ruppert Smith nos traz “...descobrir continuamente o que o inimigo pretendia fazer em vez de partir de pressupostos.”¹⁷

Ainda, o mesmo autor fala-nos das seis tendências¹⁸:

- Os objectivos pelos quais combatemos estão a mudar, os objectivos concretos e absolutos da guerra industrial entre Estados para objectivos mais flexíveis, relacionados com o individuo e sociedades que não são Estados;
- Combatemos entre o povo, um factor literal e simbolicamente amplificado pelo papel central dos *media*: quando combatemos nas ruas e campos de uma zona de conflito, estamos também a combater nas casas das pessoa que nos vêem pela televisão;
- Os nossos conflitos tendem a ser intemporais, pois procuramos uma condição que deve ser mantida até se chegar a acordo sobre um desfecho decisivo, algo que pode demorar anos ou décadas;
- Combatemos de modo a não perdermos as forças militares, não as empregando a qualquer custo para atingirmos o objectivo;
- A cada ocasião descobrem-se novas utilizações para armas antigas: as armas especificamente fabricadas para utilização do campo de batalha contra soldados e armamento pesado estão a ser adaptadas para os nossos conflitos actuais, dado que os instrumentos da guerra industrial são frequentemente irrelevantes para a guerra entre o povo;
- O inimigo é maioritariamente não estatal, pois tendemos a travar os nossos conflitos e confrontos sobre a forma de agrupamentos multinacionais, em aliança ou coligação, e contra um adversário ou adversários que não são Estados.

Para se compreender qualquer conflito moderno, ambos os tipos de actividades (políticas e militares) devem ser examinadas em paralelo, uma vez que as suas evoluções serão interdependentes.¹⁹

¹⁵ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, p.25

¹⁶ Usamos actualmente esta designação na nossa doutrina.

¹⁷ *Idem*, p.25

¹⁸ *Idem*, pp.36-37

¹⁹ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, p.27



1.3 – Os “novos” conflitos

Ao contrário das guerras tradicionais, que tinham a esfera pública como cenário da violência, nas novas guerras, a sociedade civil é simultaneamente o palco e o alvo da violência organizada, que ocorre na esfera privada, privatizando a violência, os seus espaços ou territórios de actuação, os seus actores e as suas vítimas.

As unidades de combate envolvidas nestas novas guerras (públicas e privadas), que dificilmente se distinguem da população civil, e, que cada vez mais se caracterizam pela utilização de *crianças-soldado*; pelo uso alargado de armas ligeiras (que são mais fáceis de transportar, mais precisas e podem ser utilizadas por soldados sem formação especial); pelo recurso a novas tecnologias (como telemóveis e internet); pelos novos métodos utilizados para obtenção de controlo político; pela criação e manutenção de um clima de ódio, medo e insegurança; constituem algumas das principais características que distinguem este tipo de violência organizada das velhas guerras.

1.3.1 – Os tipos de Guerras

Guerra Assimétrica – A natureza da assimetria manifesta-se, desde logo, quanto aos interesses, aos valores e ao empenho que se dedicam em prol destes. Aspectos como as capacidades tecnológicas, que estão disponíveis hoje em dia ao comum do cidadão, como sejam meios de alta tecnologia disponíveis no mercado civil, o GPS, telefones por satélite, e-mail, etc. Ainda o modo como se organizam e o desenrolar das situações que podem ou não ser propícias ao desencadear das acções.

“A ameaça assimétrica pode ser abordada segundo quatro áreas de reflexão: a utilização de capacidades tecnológicas de forma inesperada, empregando tácticas não convencionais; a afectação do ciberespaço, desenvolvendo acções de Guerra de Informações e pondo em causa a segurança dos “data” e da capacidade C2W²⁰; o acesso e utilização de forma igualmente não convencional, das chamadas tecnologias militares de baixo custo, “cheap high-technology”; e por último, a eventual utilização de armas de destruição maciça.”²¹ Estas áreas de reflexão supracitadas são um resumo muito incompleto da realidade actual e que vem de encontro à ideia de que poderemos encontrar-nos perante um “inimigo”, que pode ser criado por um grupo que não se querendo identificar, pode lançar a desordem em pequena ou larga escala, dependendo do momento em que for despertada.

²⁰ C2W - COMMAND AND CONTROL WARFARE

²¹ RAMALHO, Pinto GEN, *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta – Uma Reflexão*, in Revista Militar, N° 2443/2444, Agosto/Setembro 2005 (consultado em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/artigos/artigo.php?id=223>)



Encontramo-nos perante uma guerra sem frente nem retaguarda, que dependendo da imaginação da força que pretende expressar a violência, pode ser mais ou menos flexível, e que pode manifestar essa violência através de guerrilha, de terrorismo e de crime organizado. Os exemplos, da operação *Restore Hope* na Somália, das operações da KFOR no Kosovo, e, mais recentemente, a operação *Enduring Freedom*, no Afeganistão, são casos em que foi necessário criar meios de resposta aos conflitos instaurados nestas regiões.

Guerrilha²² – A guerrilha, que etimologicamente significará “pequena guerra”, é um tipo de conflito armado que já se arrasta no tempo desde César que enfrentara este tipo de luta na Gália e na Grã-Bretanha.

O meio que envolve as forças, bem como as circunstâncias, são fundamentais para o coeficiente de agressividade destas guerras. Uma das principais características da guerrilha, diz respeito à sua elevada capacidade de mobilidade e maleabilidade.

“Na fase armada da guerra subversiva²³ (terrorismo e guerrilha), a guerrilha emerge como técnica de tomada do Poder e, se necessário ou útil, usa o terror. Através das suas actuações, que na maioria das vezes são espectaculares, procura instaurar o clima psicológico, fomentar a agitação geral, mantendo a excitação emocional, e, se possível, a anarquia, tentando também provocar a reacção repressiva, criando mártires e preparando a subversão para provocar a unidade defensiva dos grupos visados.”²⁴ Estas situações, quando transmitidas abundantemente pelos *media*, poderão transformar-se como que numa configuração da opinião, podendo criar convicção pública de que o Poder é de facto incapaz.

Esta é uma fase decisiva, uma vez que de certa forma, se coloca a subversão armada em superioridade sobre as forças da ordem constituída. Consolidando-se a organização, *“...intensificam-se e generalizam-se as acções violentas, completa-se o estabelecer de estruturas político-administrativas e procura-se dominar algumas áreas do território.”²⁵*

²² GARCIA, Francisco Proença, *Tipologias de guerra*, in Revista Militar, Vol. 55, nº 11, Novembro 2003, p.111

²³ Guerra Subversiva: “luta conduzida no interior de um dado território, por uma parte dos seus habitantes, ajudados e reforçado ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas, com a finalidade de lhes retirar o controlo desse território ou, pelo menos, de paralisar a sua acção” (EME, 1963 a, Cap. I, p.1).

²⁴ Idem, p.113

²⁵ Idem, p.114



A guerrilha para sobreviver, necessita sempre do apoio das populações alvo, meio e ambiente, procurando actuar no seio do povo como o peixe na água, para usar o princípio de Mao²⁶; carece ainda de um “santuário” em território vizinho.

Terrorismo – De 1936 até à actualidade foram dadas mais de uma centena de definições deste termo. Frequentemente, a definição do conceito de terrorismo tem sido situada no quadro da marginalidade violenta, em harmonia com as matrizes éticas do Estado tradicional e com a rectidão do seu aparelho político, administrativo, de segurança e defesa. A necessidade de assegurar tais matrizes, de conter a acção desestabilizadora do terrorismo e de responder aos desafios desse contra-poder, têm-no remetido para um plano marginal, de delinquência comum, que não oculta, porém, as coincidências dos seus objectivos com as finalidades que, tradicionalmente, são atribuídas aos Estados.

O terrorismo está mais vocacionado para desgastar o Poder que desafia ou para promover a sua rejeição do que para o derrubar, procurando forçar um comportamento repressivo, logo comprometedor, e demonstrar a constrangedora ineficácia da prevenção²⁷. Tal como a guerrilha, e, para além da espectacularidade dos efeitos das actuações (concepção e execução dos actos materiais em si mesmos), procura a ressonância publicitária junto da opinião pública, bem como os efeitos psicológicos causados nos alvos (população ou força).

O terrorismo começou a ocupar um lugar de destaque na actividade política, a partir do inicio dos anos 70, do século passado.

Após o 11 de Setembro de 2001, nos EUA, a noção de terrorismo foi alterada qualitativamente e este assumiu posturas radicais deixando de ser um fenómeno de natureza nacional ou regional, como o IRA ou a ETA e assumiu uma escala internacional, adquirindo uma categoria transnacional. Sofreu também uma alteração qualitativa e passamos a falar do cyber terrorismo, do eco terrorismo, do terrorismo químico e mesmo nuclear.

John Andrade²⁸, na obra *Acção Directa. Dicionário de Terrorismo e Activismo Político* apresenta uma tipologia do terrorismo como sendo:²⁹

²⁶ Princípio de Mao: "Quando o inimigo avança, nós recuamos; quando o inimigo pára, nós assediámos, quando o inimigo cansar, nós atacamos; quando o inimigo retirar, nós perseguimos" (consultado em <http://revcom.us/a/v21/1030-039/1030/50mhis1.htm>)

²⁷ MONTEIRO, Amaro, Sobre a distinção entre guerrilha e Terrorismo, Comunicação apresentada no âmbito do Seminário Terrorismo: o combate nacional e transnacional, realizado no Convento da Arrábida, 4 e 5 de Julho de 2002.

²⁸ ANDRADE, John, *Acção Directa. Dicionário de Terrorismo e Activismo Político*, Hugin Editores, Lisboa, 1999.



“Movimento sem verdadeira retaguarda de massa, casos havendo em que os actores/militantes praticamente se representam apenas a si mesmos;

Movimentos com variável densidade política e sociológica, recebendo eventualmente apoios de Estados; Práticas de Estados sobre as próprias populações;

Práticas secretas de Estados no plano internacional, com uso de meios humanos próprios sob cobertura, recurso a grupos terroristas manipulados, ou emprego de “diplomacias coercitivas” tanto sobre outros Estados como sobre pessoas colectivas e individuais.”

A situação mais perigosa é aquela em que o terrorismo não estando directamente relacionado com um ou mais Estados possa estar aliado a organizações autónomas, dotadas de meios e tecnologia importantes, e cujo caminho das suas políticas é uma incógnita.

Guerra Psicológica – Este tipo de guerra serve-se da arma psicológica, ou seja, utiliza um conjunto de processos ou meios que se destinam a influenciar as crenças, os sentimentos e as opiniões da população, das autoridades e das Forças Armadas, de forma a condicionar e manipular, assim, o seu comportamento. A acção psicológica é definida como sendo uma *“Acção que consiste na aplicação de um conjunto de diversas medidas, devidamente coordenadas, destinadas a influenciar as opiniões, os sentimentos, as crenças e, portanto, as atitudes e o comportamento dos meios amigos, neutros e adversos, com a finalidade de: fortificar a determinação e o espírito combativo dos meios amigos; esclarecer a opinião de uns e outros e contrariar a influência adversa sobre eles; modificar a actividade dos meios adversos num sentido favorável aos objectivos a alcançar...”*³⁰ A sua utilização será, logicamente, complementar um qualquer outro tipo de guerra.

Guerra do Espaço – *“O Ciberespaço é o mais recente ambiente de operações, passível de utilização como veículo de ameaça, intrusão e ataque.”*³¹

É neste campo que operam as redes informáticas e telecomunicações, e, nesta área as Forças Armadas intervêm prontamente com a missão de segurança e defesa. Aparecendo como novo meio, e, com acentuada importância estratégica, é de salientar que nesta área a componente militar liga-se com o sector privado. Temos o caso dos EUA em

²⁹ GARCIA, Francisco Proença, *Tipologias de guerra*, in Revista Militar, Vol. 55, nº 11, Novembro 2003, p. 111

³⁰ Regulamento *O Exército na guerra subversiva*, Generalidades, Estado-Maior do Exército, Lisboa, 1966, p.1

³¹ PEREIRA, João. Trabalho longa duração (CPOG) – *A Adequação da Estratégia Militar Face à nova Conflitualidade*



que se calcula que 90% das comunicações transita pela área comercial do sistema de comunicações, como forma de complementar as redes militares, como seja exemplo no Golfo, e, mais recentemente, no Kosovo. Analisando este facto é evidente que existe a necessidade de equacionar e promover restrições legais, em termos de utilização de alguns sistemas de comunicações multinacionais.

1.3.2 – Características dos conflitos modernos ou novos conflitos

Pretendemos deixar evidentes as principais características daqueles que são os modernos conflitos, aqueles que não se encontram no espectro dos conflitos convencionais.

“Relativamente ao carácter violento da Comunidade Internacional e às características da conflitualidade actual têm de ser considerados aspectos que decorrem da natural evolução das sociedades e que são contraditórios. Por um lado, o aumento e peso dos imperativos políticos, legais e morais, que apelam para a contenção da força, para o respeito das liberdades, dos direitos humanos, dos valores da democracia e para o apelo às operações humanitárias e, por outro, a proliferação de tecnologias que ampliaram a capacidade de destruição.”³²

No que diz respeito a esta matéria, o terrorismo e a proliferação de armas de destruição maciça, são uma preocupação de grandeza muito considerável e são a ameaça mais urgente da conjuntura actual.

A nova realidade conflitual, no que diz respeito à dimensão dos actores envolvidos, é relativamente menor do que quando comparando com os conflitos de referência, como sejam as Grandes Guerras Mundiais. Vivemos então agora mais ao nível regional, em que o número de intervenções é de elevada frequência, implicando participação política que acarreta um sem fim de opiniões públicas, dando um carácter multidimensional e multidisciplinar, como diz o CEME, General Pinto Ramalho.

Falar da actual conflitualidade é também referir o crescimento de ameaças, que se foram mostrando ao mundo como algo diferente do tradicional, de uma forma que provoca mais choque, sobretudo através de imagens que entram nas nossas televisões, de um terrorismo que se torna progressivamente mais conhecido, mas também por vezes mais detestado, por parte da opinião pública.

³² RAMALHO, Pinto GEN, *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta – Uma Reflexão*, in Revista Militar, Nº 2443/2444, Agosto/Setembro 2005, p. 764



As áreas urbanas e terrenos difíceis (zonas desérticas, a selva ou regiões montanhosas), as linhas de comunicação terrestres e marítimas, as áreas de retaguarda e também o espaço aéreo e ciberespaço, são o campo de batalha preferencial para aquelas acções. De salientar, como actores de referência, as milícias que actuam mediante ordens de “senhores da guerra”, os terroristas, os atentados suicidas, a criminalidade organizada, os hackers³³, todos movidos por interesses que podem ser desde religiosos a políticos. No que respeita aos meios de propagação, utilizam a internet, as telecomunicações e os *media*, instrumentos que servem para lançar vírus, ou simples vias para marcar reuniões e sincronizações de ataques/manifestações de formas de violência. Recordemos os vídeos que foram lançados logo de imediato ao sucedido aquando do 11 de Setembro de 2001.

Os nossos militares vêem-se, então, na necessidade de uma preparação específica, caso seja necessário projectar forças. Surgirá necessidade de treinos orientados para as situações mais difíceis, bem como para a utilização dos materiais ao dispor.

O impacto das tecnologias poderá fazer-se sentir até ao mais baixo escalão, pelo que seremos tentados a descobrir que necessidades se verificam.

“Nestas guerras as maiores vítimas são os civis inocentes que representam mais de 90% das baixas das quais, na última década, cerca de 2 milhões de vítimas eram crianças, numa média de uma em cada três minutos, constituindo-se acima de tudo no principal objectivo”³⁴

A análise deste autor conduz-nos ao pensamento que os actuais conflitos não passam essencialmente por bater alvos militares. Ao mesmo tempo, o facto dos combates se realizarem em meios essencialmente urbanizados, leva a que, por exemplo, as consequências do rebentamento de um carro armadilhado possam traduzir na morte de imensos inocentes, que por mero acaso, estejam na rua.

1.3.3 – Causas dos modernos conflitos/novos conflitos

Os problemas com epidemias, doenças, a corrupção, a emigração, são acontecimentos que fazem com que as frágeis possibilidades de progresso e prosperidade caiam por terra em diversas zonas do globo. Catástrofes, desastres, poluição, terrorismo, o narcotráfico, extremismos religiosos, efeitos ambientais, a violação dos limites de fronteiras

³³ Hacker - indivíduo que elabora ou modifica software e hardware de aparelhos ligados á informática, no sentido de desenvolver ou criar novas funcionalidades.

³⁴ GARCIA, Proença, A Nova Conflitualidade, Instituto D. João Castro, 23 de Abril de 2007 (consultado em <http://www.idjc.pt/artigos.htm>)



e a não observação destas, fazem com que se torne propício um agitar social e político, e, como consequência existirá emigração por massas, espalhando-se nas fronteiras, e, trazendo por vezes consigo o ódio pelos que lhe motivaram a essa movimentação e posteriormente criam-se conflitos.

Os custos das guerras cada vez mais são elevados o que se traduz num factor determinante para que as potências rejeitem o seu envolvimento em tais feitos. É perceptível esta intenção designadamente na região da Europa, surgindo a ideia de uma “segurança comum”³⁵ como opção à segurança nacional.

Em certas regiões da Europa de Leste, ex-URSS e Ásia, que cada vez mais se manifestam reivindicações por partes de minorias étnicas, que mais tarde ou mais cedo empenham-se na fragmentação do poder do Estado como forma de manifestação das suas vontades. Nem mesmo Espanha ou a Grã-Bretanha escapam a este tipo de movimentos. No entanto, na Europa não verificamos o derramamento de sangue que ocorre nas outras regiões referidas, dado que as negociações têm sido o suficiente para resolver a maioria dos casos. O que se verifica em termos de comportamento por parte das potências é a intervenção nos conflitos para abreviarem a sua extensão. A intervenção passa essencialmente pela pressão diplomática, mas pode mesmo chegar ao envio de tropas, como se tem verificado.

Outra causa dos conflitos é o acesso a fontes de energia. O acesso a fontes de energia é obviamente diferente de Estado para Estado e temos assistido a uma crescente necessidade de alternativa aos combustíveis fósseis. A energia nuclear como solução é evidente para os que não têm a capacidade para os fósseis. No entanto, optaram por esta Estados, como a Coreia do Norte, o Iraque e Israel, que posteriormente dedicaram-se à produção de armas nucleares.

Mais um vector importante que nos ajuda a compreender certos casos da actual conflitualidade tem a ver com o poder da informação difundida, que hoje em dia é muitíssima, e que corre o mundo, quer na forma escrita quer na forma mais interactiva, como seja a televisão. Associando o emprego da força à informação, temos agora capacidades nunca antes alcançadas, como seja o conhecimento pormenorizado do terreno e que em muito ditará o desfecho de qualquer combate. Sem esquecer de referir que desta feita teremos mais eficácia com menos meios, o que nos indicará para uma maior facilidade de emprego dos meios se este vector for garantido.

³⁵ Pereira, João. Trabalho longa duração (CPOG - 2002/2003), *A Adequação da Estratégia Militar Face à nova Conflitualidade*, IAEM.



Capítulo 2 – Repercussões no Combatente

“A transição para o século XXI revelou um espectro de fenómenos que, não sendo guerra em sentido clássico, se caracterizam pelo recurso frequente à violência armada, por vezes desmedida e caótica.”³⁶

Nuno Mira Vaz

2.1 – Introdução

Com toda a panóplia de acontecimentos que se têm verificado no desenvolvimento dos conflitos, neste capítulo, vamos abordar uma área que dirá mais respeito ao militar, ao homem que vai para o Campo de Batalha, um local para onde ele leva toda a sua formação, mas também onde todos os seus desassossegos estão presentes. Vamos abordar, para a classe dos Oficiais, as capacidades de que estes devem ser dotados, quer na perspectiva da formação básica, quer em função dos requisitos colocados pela nova conflitualidade.

2.2 – O militar do século XXI

A vontade dos nossos militares expressa-se de forma realçada, uma vez que são muitos os que se voluntariam para as missões, que têm o sonho de representar além-fronteiras o país e com isso ganhar mais experiência. A dureza das preparações, o rigor exigido, permitirão certamente dotar os militares das capacidades para enfrentar as dificuldades do campo de batalha. Associada está também a necessidade de conhecer os homens que vão estar diariamente à disposição do comandante, desta vez longe de casa, da família e dos que habitualmente são o seu meio envolvente.

2.2.1 – A formação – o caso dos Oficiais³⁷

Centrando o nosso estudo essencialmente na classe de oficiais, verificamos que existem duas hipóteses de formação de oficiais muito distintas: uma para RV/RC, em que um indivíduo licenciado (ou com grau equivalente) se “alista” nas fileiras e recebe formação

³⁶ VAZ, Nuno Mira, “Reflexões sobre o Campo de Batalha no século XXI”, *in* Nação e Defesa, nº113, 3ª série, Primavera 2006, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, p. 91

³⁷ Vide Anexo A



numa área específica, a sua especialidade; outra, a que nos interessa para a investigação, para os Quadro Permanentes (QP). A Academia Militar é o Estabelecimento de Ensino que tem como missão³⁸ formar Oficiais para os QP.

É neste estabelecimento que são dados os primeiros passos de formação pelo que todo o ensinamento do Oficial se inicia aqui. Interessa-nos analisar que áreas de formação estão a ser abrangidas, e se estas são as que o evoluir dos conflitos e da nova realidade internacional obriga.

São objectivos³⁹ pretendidos para a formação de Oficiais para o Exército Português os que serão enunciado de seguida e que compreendem uma panóplia de bases de índole científica, técnica, e comportamental, desta forma garantindo-se que como meta se estreitarão:

- a. *Conhecimentos e capacidade de compreensão nos domínios da Segurança e Defesa, em particular na sua área de especialização vocacional, a um nível que garanta uma integração profissional segura e permita o desenvolvimento e aprofundamento dos saberes adquiridos;*
- b. *Capacidade para integrar e aplicar conhecimentos, lidar com questões complexas e desenvolver soluções ou emitir juízos em situações de informação limitada ou incompleta, reflectindo sobre as implicações e responsabilidades éticas e sociais que resultem ou condicionem a tomada da decisão;*
- c. *Aptidão para transmitir de forma clara e sem ambiguidades conhecimentos e informações e para comunicar conclusões, bem como os raciocínios a elas subjacentes, a públicos civis e militares, especialistas ou não especialistas;*
- d. *Capacidade de liderança que possibilite o exercício da autoridade legal e estatutária conferida para comandar, dirigir ou chefiar forças militares de pequeno escalão ou equipas técnicas especializadas;*
- e. *Competências que permitam uma aprendizagem ao longo da vida – imprescindível à progressão na carreira e à maturidade pessoal e profissional – realizada de modo autónomo ou através de acções de formação programada.*

Face à recente implementação Processo de Bolonha reestruturaram-se os cursos da Academia Militar, sendo assim foi necessário que se criassem equipas de trabalho para

³⁸ Missão da Academia Militar: “A Academia Militar é um estabelecimento de ensino superior público universitário militar que desenvolve actividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade, com a finalidade essencial de formar Oficiais destinados aos quadros permanentes das Armas e Serviços do Exército e da Guarda Nacional Republicana”

³⁹ Vide Anexo B



efectuar um estudo de forma a obter-se os objectivos propostos, e ao mesmo tempo querendo que se rentabilizem os esforços

Sendo assim, este estudo que foi desenvolvido em simultâneo com um outro acerca do perfil de competências dos Oficiais do Exército.

Fruto do evoluir dos nossos tempos foram criados alguns pilares⁴⁰ que devem ser tidos em conta para o Oficial:

- Os Oficiais desenvolvem a sua actividade profissional num cenário cada vez mais internacionalizado, em contexto de Forças Multinacionais no âmbito das novas missões de não guerra, com recurso a novas tecnologias, num ambiente multicultural e num cenário de grande mudança e diversidade. Por outro lado, a sua formação também tem de responder a desempenhos profissionais em ambientes complexos de potencial ou efectivo conflito;
- Uma vez que comandam pessoas, interagem socialmente, operam armas e máquinas, os Oficiais confrontam-se não só com um esforço tecnológico, como também com um exercício de humanidade;
- O emprego e a aplicação dos equipamentos de acordo com as técnicas e tácticas definidas pelas doutrinas militares obrigam a uma formação científica e técnica sustentada numa transversalidade de conhecimentos que se inserem nas ciências militares, nas ciências sociais e humanas e nas tecnologias;
- Para o desempenho ao longo da vida profissional, é ainda imprescindível conferir competências de base que permitam uma adequada adaptação aos novos requisitos, que no caso das Forças Armadas, e numa progressão natural da carreira profissional passam por cursos de diferentes tipologias, como sejam cursos de promoção, especialização, actualização e qualificação;
- Para além da formação do Oficial de Artilharia, existe ainda o objectivo transversal de formação global do Oficial do Exército, o que exige uma presença constante e continuada da componente formativa ao nível comportamental, que se pretende, constitua uma responsabilidade de todos os agentes formativos da Academia Militar.

Depois da análise destes pilares, constata-se a preocupação de que o Oficial deve ter toda uma formação, a mais equacionada possível para a realidade actual dos conflitos.

Pois, então, a preparação de quadros com tais qualificações em termos de competências e capacidades para comandar em situações instáveis de risco quando em

⁴⁰ Vide Anexo B



conflito armado, para responder com prontidão às exigências ao nível da segurança e da defesa.

O nível de formação que se pretende em termos científicos é o que equivale ao do nível universitário, o desenvolvimento de conhecimentos nesta área permitirá uma maior valorização profissional, e que será a plataforma necessária para que possa existir um progredir natural na hierarquia militar. Ao nível da formação científica de carácter técnico e tecnológico, estamos perante a necessidade de se reunirem conhecimentos indispensáveis para o desempenho das funções indispensáveis do dia-a-dia.

Ao nível da formação comportamental, estamos perante um dos pontos de especial relevo, a formação consubstanciada numa educação militar, moral e cívica visa desenvolver qualidades de comando, direcção e de chefia.

A preparação de índole física, tem como principal intuito proporcionar a aptidão física necessária para que seja possível aos futuros oficiais, o desenrolar de actividades indispensáveis para a realização de tarefa futuras. Foram introduzidas algumas alterações ao nível da formação, tendo sido necessário dar-se mais relevância à formação de carácter tecnológico, nomeadamente ao nível da informação e da comunicação.

Fruto das recentes alterações ao nível da formação na AM, por aplicação do Processo de Bolonha, verificou-se uma necessidade de acrescentar competências a nível emocional, e a nível do desembaraço físico, e, terá todo o sentido uma vez que falamos de futuros comandantes, Oficiais do Exército. De especial atenção, salientar uma competência, que não sendo nova, traduz-se agora com maior evidência, a Liderança.

2.3 – Os constrangimentos do combatente

É nos cenários actuais que teremos que ter em conta a utilidade das forças militares, considerando sempre a sua preparação e não esquecendo os teatros de guerra convencionais para os quais se deverá estar apto a responder. O desempenho em combate, depende essencialmente daquelas que forem “as circunstâncias concretas do campo de batalha e de um conjunto de factores de natureza técnica e tática que incluem preocupações morais e de legalidade”.⁴¹

De todos os factores que ao longo da história têm influenciado, em certa medida os comportamentos, em qualquer que seja o cenário, chama-se agora a atenção para o

⁴¹ VAZ, Nuno Mira, “Reflexões sobre o Campo de Batalha no século XXI”, in Nação e Defesa, nº113, 3ª série, Primavera 2006, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, p.91



emergir do jornalismo como uma realidade nas frentes das unidades operacionais, e que acompanham as batalhas a par e passo.

A missão atribuída a um combatente será cumprida dentro de um conjunto de opções muito reduzidas, e em que o seu espírito de sobrevivência será o seu objectivo pessoal mais constante, objectivo este que será comum a todos os seus semelhantes e que é algo a que poderíamos associar como um dos instintos mais básicos do Homem. Consideramos, então, importante realçar que será o balanço entre a sua vontade de cumprir a missão e o seu instinto/vontade de sobrevivência que determinará o padrão dos comportamentos neste contexto.

Em termos genéricos sabemos que um qualquer indivíduo, inserido num grupo em determinada sociedade, terá uma auto-estima maior ou menor, consoante seja a sua aceitação, neste caso concreto do combatente, sabemos que os soldados executam diversas tarefas sendo elas, por vezes, de elevado risco, isto porque, o seu desempenho será avaliado pelos seus pares.

A disciplina, bem como o espírito de corpo e a qualidade do comando e a grandeza das recompensas palpáveis são factores a ter em conta.

Sem dúvida que uma baixa será algo que se traduzirá em instabilidade para as tropas, e, como é evidente, tem maiores repercussões para as unidades mais pequenas. A sobrevivência do camarada que se encontra ao lado, quando em combate, é algo que faz com que se mantenham vivos e despertos. Se eventualmente acontecer alguma baixa poder-se-á instalar o medo, e será aqui que reside um dos maiores riscos para os comandantes, dado que tornará delicada a relação Comandante/Subordinado. Advém daqui o facto de, por vezes, não se fazer o uso da força, como uma intenção dos comandantes, para que não se corram riscos, isto se realmente não houver necessidade de correr esse risco. Constata-se, ainda, que se a isto juntarmos o sentimento de revolta que se faz sentir no seio das populações sempre que existe uma baixa, não poderemos estranhar se determinado comandante de pelotão optar por uma resolução para o cumprimento da missão que lhe fora imposta de uma forma menos arriscada, ou mais segura, com vista à protecção dos seus subordinados.

Poderemos recorrer ao exemplo das primeiras Operações de Apoio à Paz, para nos situarmos numa época em que as decisões políticas implicaram com as regras de empenhamento das forças no terreno

Quando falamos em comunicação social será fácil associarmos o desempenho das suas funções e a imagem que será transmitida delas, no terreno como uma consequência da presença desta.



O caso da intervenção da NATO no Kosovo, serve de exemplo para demonstrar que comunicação social do ocidente fazia passar imagens de refugiados a fugirem da tirania dos sérvios, do outro lado eram mostradas as imagens das mortes de civis, consequência dos ataques/bombardeamentos levados a cabo pelos meios aéreos da aliança. Pois, torna-se aqui evidente a influência que a comunicação social tem no decorrer da missão, como forma de “aterrar” a sua influência, aparecem situações em que as forças no campo de batalha adquirem como missão em paralelo “silenciar” estes meios.

Para qualquer cidadão comum, o campo de Batalha a que tem acesso é o que aparece na televisão, ou mesmo nas imagens de jornal ou da internet. A sensação que temos através destas transmissões televisivas limitam-se na sua essência a mostrar as imagens mais chocantes que nos provocam desde logo um despertar da atenção. No entanto, estas imagens fogem à dureza da luta que é “feita de sofrimento e de morte, num processo que reproduz desde tempos imemoráveis os mesmos elementos e que exige dos combatentes as mesmas virtudes nucleares: desembaraço físico, coragem e determinação.”

General Loureiro dos Santos: *“o actual ambiente mediático contrai o tempo estratégico e, por vezes, não há condições para que as operações militares alcancem os efeitos pretendidos”*⁴²

As Forças Armadas têm desde a sua génese implícitos valores morais, e que está subjacente ao militar, no entanto, na transformação daquela que é a realidade actual o “herói” sai de cena pelo que não será uma acomodação fácil.

O herói sai de cena uma vez que estamos agora numa era em que a tecnologia militar de determinada força dá-lhe à partida como que o título de “vencedora antecipada”.

Com esta evolução tecnológica temos que estar conscientes que são os responsáveis pelos “radares, computadores satélites...” que têm nas suas mãos o destino dos actuais combates não havendo uma “promoção” do militar como o Herói.

⁴² In “Democracia, média e guerra”, Lisboa, Visão de 27-11-03, pp.72-73.



Parte Prática

Capítulo 3 – Metodologia

3.1 – Introdução

Como é evidente, num trabalho com estes moldes, a metodologia adoptada tem por finalidade obter respostas eficazes, e com caminhos que nos projectem para o desenlace daquelas que são as questões que originaram o desenvolver deste trabalho.

É objectivo deste capítulo, exhibir o método científico que aplicámos no trabalho, que enquadra a nossa “pesquisa no terreno”, desta feita serão referidos alguns pressupostos metodológicos da investigação realizada, que método e técnicas de recolha de dados. Serão ainda referidos os critérios de selecção da amostra.

3.2 – Método de Abordagem

No desenvolvimento da investigação empírica, seguimos uma abordagem qualitativa do ponto de vista metodológico, que orientou o planeamento e a execução desta. Revelou-se de extrema importância, uma vez que permitiu aceder e compreender impressões de militares que presenciaram diversos TO.

Depois de feita a pesquisa documental, das leituras exploratórias e o enquadramento conceptual, é agora chegada a hora da exposição metodológica, e, verificamos que em estudos similares existe um recurso frequente ao método qualitativo⁴³, com vista ao uso de entrevistas de foro exploratório, com a finalidade de se confirmarem ou infirmarem as hipóteses levantadas. O método da entrevista⁴⁴ é utilizado com o intuito de conseguir encontrar respostas às questões que levantamos durante a pesquisa, e, desta forma, dar uma maior validação à informação trabalhada. Será, então, com base nesta metodologia que iremos espelhar alguns resultados do recolher que achamos pertinentes.

⁴³ No método qualitativo, nomeadamente na entrevista, utilizam-se guiões para a recolha de dados para cada sujeito, dados estes que podem facilmente ser susceptíveis de comparação.

⁴⁴ A entrevista, na perspectiva de Quivy & Campenhoudt (1992), distingue-se dos outros métodos pela necessidade fundamental de comunicação e interacção, sendo este um instrumento essencial para aprofundar o conhecimento. Poderá ainda estar associado a outros métodos, no entanto, deve sempre estar presente na primeira fase da investigação.



Devemos também salientar, com especial relevo, também todos os contactos que fomos estabelecendo com pessoas que têm formação e relevante conhecimento em termos científicos.

3.3 – Procedimentos e Técnicas

A exploração iniciou-se com um período dedicado à recolha de informação em bibliotecas militares e civis, com vista à reunião dos conceitos teóricos necessários para compreendermos a actualidade.

Com alguns dos conhecimentos teóricos na matéria, tomou-se necessário procurar pessoas que fossem entendidas em determinadas matérias que pretendíamos abordar. Sendo assim, estabelecemos os primeiros contactos, com vista a verificarmos a disponibilidade dos sujeitos que poderiam ser alvo de entrevistas. Pretende-se, deste modo, com esta pesquisa de carácter essencialmente exploratório, uma vez que se baseia em opiniões, ideias e críticas, compreender e interpretar a questão central e orientadora desta investigação.

3.3.1 – Entrevistas

As perguntas do guião⁴⁵ foram respondidas com clareza, bem como outras que foram surgindo durante o decorrer da entrevista.

Os locais onde se realizaram as entrevistas foram sempre espaços definidos pelos sujeitos entrevistados, normalmente no local de trabalho destes, pelo que daqui se extrai que o local não se revelou como sendo um factor limitativo.

As entrevistas iniciaram-se com um enquadramento à temática do trabalho, seguindo-se depois o lançamento de questões previamente elaboradas, que no decorrer da entrevista por vezes levaram a que outras se levantassem.

Com a utilização das entrevistas pretendemos saber opiniões concretas de personalidades com opinião relevante, pertinente e informada que se constituem como elementos de peso quando nos assuntos questionados.

Os critérios de selecção da amostra, na presente investigação, assumiram manifesta relevância para o desenrolar da investigação. Deste modo, a amostra que foi alvo de entrevistas correspondeu a Oficiais do QP, que no exercício de funções, tenham sido empenhados em: Comando de Forças Nacionais Destacadas; Oficial de Operações; Oficial de Informações. Outro critério, que se revela de interesse, refere-se à necessidade de os

⁴⁵ Ver Apêndice A



sujeitos da amostra terem sido empenhados em TO que encarem realidades conflituais com as que se adequam, e, são objecto de estudo. Só correspondendo a estas características é possível extrair informação credível e relevante para o estudo. De salientar que todos os entrevistados falaram tendo em conta a sua experiência pessoal, portanto, não falam em nome de toda a instituição, como tal referimo-nos a esses sujeitos como *Entrevistado*.

3.4 – Meios utilizados

Aos entrevistados foi perguntado sobre a possibilidade de ser gravada digitalmente a sua entrevista, tendo estes dado a sua anuência. No processo de gravação foi utilizado um Sony M570VS para as gravações, e, ainda um portátil Acer com o programa Windows Media Player para proceder à análise das entrevistas.

Para o tratamento e análise das entrevistas recorreremos a grelhas analíticas com categorias onde figuravam as variáveis do nosso estudo, nomeadamente as que integravam as hipóteses que pretendíamos testar.

3.5 – Conclusão

A informação que foi conseguida ao nível documental é suporte essencial deste trabalho, e representa significativa quota deste. No entanto, e, para que pudéssemos ter uma visão alargada, recorrer a entrevistas foi capital para chegar a algumas conclusões, e, de certa forma, ultrapassar algumas dificuldades que nos surgiram.

Será obviamente importante referir que todos os procedimentos de pesquisa foram fruto de um empenho infatigável de quem orientou este trabalho.



Capítulo 4 – Apresentação e discussão dos resultados

4.1 – Introdução

O presente capítulo reflecte o conteúdo da recolha de dados, que foi orientada segundo os métodos e procedimentos referidos no capítulo anterior.

De seguida, estabelecemos uma relação que compreende um balancear entre o relatado na teoria com o que se verifica na prática, espelhando-se esta última nos relatos dos sujeitos entrevistados. Pretende-se, com o registado neste capítulo, possuir ferramentas que nos possibilitem ter objecto para análise posterior.

4.2 – Análise

Para que seja possível chegar ao objectivo deste estudo, consubstanciado na questão que deu origem à presente investigação: **“De que forma, as características da moderna conflitualidade militar (VI), se repercutem na preparação técnico-táctica do combatente do Exército Português (VD)?”**, assim, vamos expor um leque de considerações extraídas da investigação empírica, e, conversas estabelecidas com diferentes personalidades da nossa instituição.

Os entrevistados, quando interrogados acerca das características da moderna conflitualidade, com a finalidade de verificarmos em que áreas ocorrem mais frequentemente os confrontos, referiram-se sempre os teatros em que estiveram presentes, vão de encontro ao que refere Sir Rupert Smith *“A guerra no seio do povo ou no seio das populações é uma descrição visual das modernas situações de guerra...”*, a afirmação é clara, ao mesmo tempo verificamos, no terreno, que a visão é partilhada pelos nossos militares, como demonstraram alguns dos entrevistados:

“...o desenrolar praticamente sempre em áreas urbanas...”
(Entrevistado B)

“...as ocorrências de conflitos verifica-se em qualquer área, no entanto a componente urbana será sempre de esperar face aos novos conflitos...” (Entrevistado E)

“...o meio onde se desenrolam grande parte das acções é, sem dúvida, nas áreas de considerável densidade populacional, (entendam-se aqui estas áreas como zonas com habitações, zonas



industriais por vezes) embora por vezes também se verifiquem caso mais isolados (...) como sejam as que por vezes se verificam em zonas mais montanhosas, confrontos sempre de duração reduzida ...”
(Entrevistado C)

A forma como estes testemunhos se reportam à actual conflitualidade espelha a ideia de que os conflitos actualmente se desenrolam em cenários diferentes, e, obviamente, com características que se distinguem de outrora. Caso evidenciado na citação “...a última batalha de carros de combate, a qual as formações blindadas de dois exércitos se digladiaram com o apoio de artilharia e forças aéreas, teve lugar durante a guerra israelo-árabe de 1973, nos Montes Golan e no Deserto do Sinai.”⁴⁶ Encontraremos uma ideia que se segue na mesma linha na citação de um Oficial de Operações do Exército Português: “...deparamo-nos com uma tipologia dos conflitos em que se realçam forças irregulares, dotadas de armas de fabrico caseiro (...) e, em termos das características dos teatros podemos salientar o facto de presenciarmos a ocorrência de acções essencialmente em meio urbanizado.” (Entrevistado D)

Foi mencionado o facto de, por exemplo, face às novas realidades “podemos ter um militar nosso, durante a manhã no checkpoint, numa postura de quase inflexibilidade, rigor e intransigência, durante a tarde numa acção de distribuição de ajuda humanitária e, por fim, às 02 horas da madrugada, a arrombar portas, irrompendo pela casa a dentro de um local, para lhe retirar armas, droga e outros pertences que são ilegais possuir, por exemplo.” (Entrevistado A)

Quando questionados sobre que alvos lhe pareciam ser susceptíveis de ataques, (questão que surgiu no decorrer de algumas entrevistas), os entrevistados explicam que “não é assíduo o caso de ataques desferidos as forças militares” (Entrevistado A) e, que “quando estás em OAP, nomeadamente, quando existe elevado grau de consentimento, dificilmente temos alvos militares, ficamos então com a preocupação latente de que eventualmente se façam alvos civis a partir daqui.” (Entrevistado E)

Em paralelo a estes factores, evidenciaram, também, o facto de as forças no terreno serem dotadas de material bélico que não terá equivalência alguma quando comparado com o que possa existir ao nível de forças irregulares.

⁴⁶ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, p.19



Os alvos que usualmente são fruto de ataques são as células do poder que têm algumas fraquezas, e, sendo assim, são elos frágeis que eventuais forças podem tentar destabilizar.

Com o interesse de compreendermos se alguns efeitos surgiram, fruto da realidade em que viveram alguns militares, e, como em termos genéricos sabemos que um qualquer indivíduo, inserido num grupo em determinada sociedade, terá uma auto-estima maior ou menor, sabemos que daqui poderão haver repercussões. Obtivemos uma ideia partilhada de todos os sujeitos de que *“desconheço efeitos negativos no que à pós-missão diz respeito.”* (Entrevistado A)

À questão: ***“As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”*** os testemunhos recolhidos elucidam-nos de que os nossos militares são dotados de enormes capacidades quer de nível social, quer comportamental, e, assim, as nossas respostas incidiram num aspecto que tem muito a ver com a nossa cultura.

“Certamente, e não serei único a dizê-lo, o nosso povo tem uma maneira de estar e de ser que em muito nos facilita o contacto com outros povos, coisas que não se ensinam dum dia para o outro...”;
“Fruto dos nossos hábitos e costumes diria que temos militares com uma postura realmente de referência...” (Entrevistado A)

“Desde 1996 que temos forças no estrangeiro, todas recebem, à priori, o mesmo tempo de aprontamento, normalmente seis meses, e não é neste seis meses que moldamos as personalidades dos militares que levamos...” (Entrevistado C)

“Fruto dos nossos hábitos e costumes diria que temos militares com uma postura realmente de referência...” (Entrevistado D)

Analisando estas afirmações fica evidente que os nossos militares, ao nível das relações pessoais, são afortunados pela cultura que nos é característica, e que em muito facilita o decorrer das operações além-fronteiras.



Ao pedido de salientar quais as competências que se salientam os sujeitos entrevistados, revelam algo importante, *“... a necessidade de conhecermos o local para onde vamos levar os nossos homens revela-se importante, para lhe podermos dar mais ferramentas, e, assim, levarem conhecimentos no âmbito da língua que lá se fala...”* como evidencia Entrevistado D. Caso reafirmado pelo entrevistado C: *“Levamos conosco militares capazes de estabelecerem contacto com as populações envolventes, e revela-se muito importante, recordo até que é hábito nosso querermos aprender expressões locais, e fazer recurso delas”*. Deparamo-nos então com a necessidade de munirmos militares de conhecimento linguístico que permita desembaraço para o decorrer das operações.

A preparação dos nossos militares foi abordada, tendo por finalidade descobrir, aos olhos de quem lida na primeira pessoa com os homens e material, que limitações existem, e se estes correspondem ao pretendido.

Sabemos que, fruto da caracterização dos actuais ambientes conflituais, que *“...o apelo às operações humanitárias e, por outro, a proliferação de tecnologias que ampliaram a capacidade de destruição”*⁴⁷ se traduziram numa maior necessidade de recursos, e de formação nesse âmbito. As nossas forças demonstram alguma escassez de meios no seu aprontamento, no entanto, a missão de preparar os militares é conseguida, uma vez que para este tipo de missões existe um reunir de meios que permitirá conseguir atingir meios de aprontamento eficazes.

“Os meios são os suficientes, sim. Mas não os desejáveis...”
(Entrevistado B)

“Os meios são escassos, as munições são poucas; (...) e as unidades vivem e modernizam-se à custa do aprontamento. Dito isto, os batalhões em aprontamento deveriam ter mais orçamento.”
(Entrevistado A)

Uma área abordada diz respeito ao relacionamento com os *media*, como temos presente a ideia de que *“Combatemos entre o povo, um factor literal e simbolicamente amplificado pelo papel central dos media: quando combatemos nas ruas e campos de uma zona de conflito, estamos também a combater nas casas das pessoa que nos vêem pela*

⁴⁷ RAMALHO, Pinto GEN, *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta – Uma Reflexão*, in Revista Militar, Nº 2443/2444, Agosto/Setembro 2005, p. 764



*televisão*⁴⁸, é então do nosso conhecimento que os *media* presenciam e vivem de perto o dia-a-dia dos militares, o que torna natural que estes estabeleçam contacto.

“São feitas palestras e prova disso é que os nossos militares nas FND não têm restrições a falar aos media que nos visitam (...) e não nos deixam ficar mal” (Entrevistado A)

“Existem alguns aspectos que, nós portugueses, ainda não encaramos, a meu ver, com a devida importância (...) a comunicação com os media é uma.” (Entrevistado B)

“A formação nesta área foi reduzida, no entanto, aquando do aprontamento nós demos formação aos nossos militares (...) houve essa preocupação.” (Entrevistado D)

Os militares estão aptos a prestarem declarações, a estabelecerem contacto com os *media*, contudo, *“poucos são os que o sabem fazer com mestria e habilidade”*, conforme refere Entrevistado A. Denota-se que a preparação é conseguida, uma vez que existem palestras sobre como estabelecer contacto com os *media*, e, é prova dada o facto de os militares que efectivaram esse contacto terem estado à altura, como refere Entrevistado A. Todavia, prevalece alguma preocupação, uma vez que *“era importante, e já não digo ter formação formal nesta área, mas quanto mais não fosse pelo menos trocas de experiências...”* referiu o Entrevistado B, Oficial de Assuntos Cívicos e PAO⁴⁹

Denotada a evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, foram colocadas questões, entendidas como pertinentes, que se referem à importância das novas tecnologias. Podemos comprovar, pelas intervenções dos sujeitos entrevistados que, de facto, estamos perante uma matéria que nos traduz vantagens notórias.

“...poupam-nos tempo, poupam preocupações, reduzem incertezas e possibilitam-nos interagir e inter-operar com outras forças (...) por outro lado, alguns desses meios conferem-nos maior segurança e contribuem para a nossa protecção” (Entrevistado A)

⁴⁸ SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008, pp.36-37

⁴⁹ PAO – Public Affairs Officer



“Só deste forma teremos os militares dotados de capacidades para poderem fazer face as actuais exigências...” (Entrevistado C)

“Actualmente, quer para o decorrer das operações, quer para o próprio bem-estar dos nossos homens, está evidente a necessidade do uso das novas tecnologias.” (Entrevistado D)

Para além das vantagens evidentes, refere Pinto Ramalho CEME, que hoje em dia se utiliza a internet, as telecomunicações e os *media*, como instrumentos que servem para lançar vírus, ou simples vias para marcar reuniões e sincronizações de ataques/manifestações de formas de violência.

Perante as mais-valias das novas tecnologias, a sua fragilidade para a sabotagem é manifesta.

“...recordo agora, por exemplo, a necessidade de recorrer a jammers, para fazer face às consecutivas tentativas de empastelamento...” (Entrevistado B)

Ainda outro exemplo, do caso do empastelamento a que são sujeitas as forças, “Os meios de empastelamento de frequências rádio utilizado pelos grandes traficantes também empastelam os nossos GPS e as nossas comunicações...” que vai de encontro ao referido anteriormente, e que se refere à delicadeza que o tratamento destes meios pesa.

4.3 – Conclusões

Desta análise do conteúdo da pesquisa empírica devemos salientar que a visão sobre aspectos, nomeadamente das características da moderna conflitualidade, é partilhada pelos nossos militares, como demonstraram alguns dos entrevistados. Possuímos ainda testemunhos que nos revelaram que os ataques não são, usualmente, dirigidos contra alvos militares. Face ao facto dos militares serem deslocados para territórios com costumes diferentes daqueles que são os seus, extraímos da investigação que os nossos militares se revelam de certa forma prontos, e são mesmo considerados como exemplo. Apesar de os meios que dispomos não serem, por vezes, os mais desejáveis, temos, todavia, capacidade para aprontarmos militares capazes de cumprir com garbo a missão que lhe é incumbida.

Assim, analisando os dados recolhidos, poderemos avançar rumo ao desenlace pretendido para o trabalho respondendo à Questão que o originou.



Capítulo 5 – Considerações Finais

5.1 – Considerações

Chegados ao último capítulo deste trabalho, onde tecemos conclusões, que são fruto do esforço de pesquisa executado para a elaboração desta investigação, onde vamos responder à questão central, questões derivadas e ainda verificar se as hipóteses que levantamos inicialmente se verificam como sendo válidas ou não válidas.

De acordo com a metodologia que adoptamos, e como é referido em capítulo anterior, o objectivo de toda a investigação é finalizar o trabalho respondendo à questão que o despertou, pois então é chegado o momento. Para a questão: ***“De que forma, as características da moderna conflitualidade militar, se repercutem na preparação técnico-táctica do combatente do Exército Português?”***

Esta é a questão a partir da qual se desenvolveu todo este trabalho. Depois de consultada diversa e variada informação acerca do assunto, foi-nos permitido adquirir um maior conhecimento no âmbito dos conflitos actuais, e de compreender que realidades enfrentam actualmente os militares, e, assim, tornou-se possível encontrar respostas. Desta feita, e respondendo objectivamente à questão central, verificamos que a evolução do militar tem sido estabelecida segundo vectores que acompanham as actuais necessidades impostas pela realidade conflitual, e, desta forma, o militar tem recebido uma maior formação ao nível de combate em áreas urbanizadas, recebido maior conhecimento de nível tecnológico, bem como linguístico.

Respondendo às questões que foram levantadas no progresso deste trabalho temos:

“Qual a tipologia dos modernos conflitos armados?”

Questionados sobre qual a tipologia dos modernos conflitos, pudemos concluir em análise ao quadro teórico, que o espectro dos conflitos actual é diversificado. A Guerra Assimétrica, a Guerrilha, o Terrorismo, a Guerra Psicológica e a Guerra do Espaço, não se constituem uma inovação, à excepção da última, dado que nas suas características está subjacente uma necessidade tecnológica que não existiu noutros tempos.

Para responder a esta questão será possível que não tenham sido abrangidas todas as tendências conflituais que se possam testemunhar, porém, arriscamos em fazer uma breve investida sobre aqueles que são alguns dos tipos de guerra, ou de conflitos armados



se assim for preferido, e, de entre os expressos, vamos salientamos a assimetria dos conflitos com o protagonismo que é evidenciado pelos últimos conflitos, e no tempo.

“Como se caracteriza a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais, se confrontam nos dias de hoje?”

Analisando agora quais as características da moderna conflitualidade, tais como as evidenciadas no enquadramento teórico, procuramos da resposta a esta questão evidenciar algumas outras características, todavia consideramos ser as mais relevantes as seguintes: **o desenrolar dos combates no seio das populações**, e daqui advêm outras características que derivam desta, como seja exemplo, o facto de cada vez mais o aglomerado populacional se verificar em grandes centros urbanizados, e, desta feita **o combate se verificar com uma envolvente urbanizada**, sendo esta mais uma característica. Ao mesmo tempo a **atitude de um combatente nas ruas**, ou no deslocamento de um *checkpoint* para outro, são alvo de acompanhamento da população que os envolve. É característico dos nossos dias a informação que agora acompanha a par e passo os movimentos dos militares, estamos portanto, a falar da **presença dos media**, que estando a desempenhar a sua função poderão de certa forma intervir no decorrer das operações sem que por isso se tenha intenção.

“Que formação recebem os militares para responder às evoluções do Campo de Batalha?”

Transmitindo na resposta a esta questão de peculiar interesse para aqueles que são os responsáveis pela formação ao nível da Academia Militar, devemos salientar, desde já, que todas as transformações ao nível da formação da instituição foram realizadas com base na conjuntura actual, pelo que já usufruem de directrizes que visam responder eficazmente às novas exigências do Campo de Batalha.

Respondendo objectivamente à questão depois desta análise, note-se que ao nível da formação específica para os actuais teatros se verifica mais concretamente e objectivamente no aprontamento para as missões, em que o tempo dedicado a esta preparação é única e exclusivamente direccionado para o TO que vão encarar. Essa formação compreenderá obrigatoriamente campos como o **combate em áreas edificadas**, o **relacionamento com os media**, o necessário **enquadramento de nível social e cultural**



do local onde vão desempenhar funções, incluindo aqui a questão da **língua estrangeira** como requisito, “*e revela-se muito importante, recordo até que é hábito nosso quereremos aprender expressões locais, e fazer recurso delas*” (Entrevistado C), citação esclarecedora da **formação linguística** que advém da necessidade.

Torna-se necessário que o Comandante da FND e os seus Comandantes subordinados, em todos os escalões de comando da FND, procurem criar uma relação baseada nos valores e nas virtudes. Só assim, se consegue contribuir para um ambiente salutar e fortalecer os laços de confiança que são indispensáveis ao cumprimento do dever, no dia-a-dia, como referiu entrevistado A. A formação dos militares com base em valores e virtudes, como sejam o *Espírito de Sacrifício, Espírito de Corpo, Sentido de Missão, Auto-disciplina, Lealdade, Coragem*, são exemplos que estão na base da formação de um militar.

“Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os media?”

Sendo que a presença dos *media* nos actuais conflitos se manifesta praticamente como uma envolvente fixa, deparamo-nos com a necessidade dos nossos militares receberem formação nesta área, e ela verifica-se e está presente no aprontamento de uma força para ser destacada para missão.

Perante o problema colocado importa confrontarmos a teoria com os dados que vêm do terreno de forma a validar ou infirmar as hipóteses de resolução do problema geral. As hipóteses que foram inicialmente levantadas apresentam-se, agora, e concluiremos sobre elas as considerações que o estudo nos proporcionou.

Analisemos então cada uma das hipóteses *per si*, e as conclusões que delas podemos retirar, depois de uma análise exaustiva dos dados obtidos no terreno e da inevitável confrontação com a teoria existente sobre o assunto.

Destacam-se assim, de seguida, as hipóteses, seguindo-se de uma análise.

Hipótese 1 – A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.

Confrontámos esta hipótese, com as opiniões e verificámos que esta é parcialmente confirmada, uma vez que todos os sujeitos entrevistados fazem referência às áreas



urbanizadas, e aqui fica explícito o facto de as acções ocorrerem “*essencialmente em meio urbanizado.*” (Entrevistado D) Contudo, apuramos que sem sombra de dúvidas, a preparação (compreenda-se fase de aprontamento das forças) deve ser constituída por uma abrangente panóplia de processos de treino, desde os conhecimentos mais elementares da técnica individual do combatente, quer em meio urbano, quer em montanhoso. Encontramos caracterizada a moderna conflitualidade como aquela que se desenrola preferencialmente em áreas urbanizadas, pelo que se depreende que a sua formação deve obrigatoriamente passar por esta matéria, sem nunca esquecer o que é considerado doutrinariamente convencional, como refere o Entrevistado B: “*Existem hoje mais operações em meio urbano o que de facto nos indicia para uma necessidade de preparação dos militares para este tipo de combate, no entanto, nunca deixando o combate convencional de parte, uma vez que as forças devem ter a capacidade para, se necessário, fazer a transição de um tipo de combate para outro.*”

Hipótese 2 – O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.

O desenrolar de conversas, neste âmbito, com militares que estiveram envolvidos em operações além-fronteiras, permitiu sabermos que em termos da preparação para estabelecer o contacto com as populações, não existe necessidade acrescida de formação neste sentido, uma vez que, em aprontamento são contextualizados, e, aqui compreendem-se vários ensinamentos, como sejam, os costumes e hábitos da população que vão encontrar na sua área de operações.

Reforçando o que atrás foi citado, com o testemunho do Entrevistado E, “*...existem sempre informações que são transmitidas para os militares em aprontamento referindo que hábitos, que culturas vão encontrar...*”

Um exemplo de completo conhecimento da área onde actuavam as forças é demonstrado por uma situação em que os nossos militares, tendo a necessidade de passar revista numa casa, desconfiando que existisse armamento, foi atingido com sucesso o objectivo pelo seu comportamento, uma vez que à entrada da casa os militares descalçaram-se, e perante tal sinal de respeito foram encaminhados até ao armamento que



existia em casa.⁵⁰ Não deixando a hipótese de se considerar válida, deparamo-nos com a situação de que existem intenções de que os militares reúnam os conhecimentos necessários. A formação que existe ao nível dos militares, no sentido da preparação que estes devem reunir, verifica-se ao nível das capacidades de liderança, e, ao nível da capacidade humana de socializar com seus homens.

A hipótese é, então, confirmada e considerada como parcialmente válida.

Hipótese 3 – Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos pelo que será expectável que um maior contacto com os media e a sua interferência nas operações, exijam do militar, maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.

“...são feitas palestras e prova disso é que os nossos militares nas FND não têm restrições a falar aos media que nos visitam (...) e não nos deixam ficar mal” (Entrevistado A)

“Se calhar era importante, e já não digo ter formação formal nesta área, mas quanto mais não fosse pelo menos trocas de experiências... Faltam directrizes sobre como é que nos devemos relacionar com os media” (Entrevistado B)

“...não foi uma formação do tipo formal, foi sim um conjunto de indicações que os militares deveriam de seguir para que o desenrolar das acções ocorresse com normalidade...” (Entrevistado D)

Face às declarações dos entrevistados, torna-se evidente que existe aqui explícita uma lacuna, porém a hipótese que foi levantada é constatada como parcialmente verdadeira. Constata-se a necessidade, porém, não se identifica a adequada formação de todos para lidar com os *media*.

Em todo o caso, como refere o sujeito Entrevistado A, *“todos podem falar para os media, no entanto, são poucos os que o sabem fazer com mestria e habilidade...”*.

Os nossos militares, sempre que abordados pelos *media*, demonstram o conhecimento necessário para tal, e, isto é fruto das palestras que fazem parte integrante da formação, mas esta era apenas tida até agora no aprontamento de forças para missão.

⁵⁰ Relato de um 1ºSargento de ART em Missão na Bósnia-herzegovina.



Para o caso dos Oficiais, com a reestruturação ao nível do ensino na AM, criou-se uma cadeira de Gestão da Comunicação (vontade expressa em projecto, consultar anexo B), que tem por objectivo introduzir aos futuros oficiais conhecimentos nesta área.

Hipótese 4 – A tecnologia que hoje é de acesso ao comum do cidadão pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se aponta que no sentido da formação estará uma forte incidência nestes ensinamentos.

As novas tecnologias são de especial interesse para todos os dispositivos de forças, e, a necessidade de saber usar eficazmente os materiais, torna-se indispensável. Deste modo, os nossos militares deverão receber formação especializada nesta área, e, assim, usar todas as capacidades dos meios que estiverem ao seu dispor em prol das nossas forças. Porém existem limitações, como evidenciaram os entrevistados, mais explicitamente pelo entrevistado B: *“Existem meios que só nos serão disponibilizados no teatro...”*.

“A necessidade de saber sempre mais é, e será, sempre algo de uma importância extrema, por vezes não é possível com os meios que dispomos no aprontamento, mas, na chegada ao teatro serão colmatadas essas falhas...” (Entrevistado E) Como justifica a afirmação do sujeito Entrevistado E, a formação não fica em falta, sendo que os militares, já no teatro de operações, recebem formação adequada para os materiais.

Sendo que estes meios foram considerados como que indispensáveis para o normal decorrer das operações no dia-a-dia, deve-se dar especial relevo a esta condição. Confirmada portanto a hipótese levantada.

5.2 – Limitações

As limitações que encontramos durante a realização deste trabalho referem-se essencialmente a questões de tempo, uma vez que o período destinado à elaboração torna-se bastante curto. De referir, ainda, a falta de conhecimento na área da realização de trabalhos de índole científica com esta dimensão, tendo-se revelado um factor bastante limitativo, uma vez que a prática é a amiga da perfeição, e, ao longo do curso, não nos foi proporcionado outro trabalho com contornos semelhantes a este, o que desde logo, implica que não dispusesse das ferramentas essenciais, como sejam, as de carácter metodológico.



5.3 – Investigações futuras

Efectuar um estudo segmentado para cada arma ou serviço, que procurasse transparecer as necessidades de formação ao nível da táctica e da técnica, ao nível do contacto com a comunicação com os *media*, ao nível da inserção do militar nos diversos e possíveis teatros, seria extremamente gratificante e motivador.

Em suma, poderia ser realmente importante para a instituição chegar-se a conclusões que permitissem saber que matérias podem potenciar mais capacidades aos futuros militares.



Referências Bibliográficas

Livros

BALTAZAR, Maria da Saudade, *As Forças Armadas Portuguesas. Desafios numa Sociedade em Mudança*, Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2005

DELMAS, Claude, *A Guerra Revolucionária*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1975

MARCHETA, Regina, *Considerações sobre o fenómeno do Terrorismo*, in livro de Homenagem ao General Pedro Cardoso, Lisboa, Prefácio

PERLMUTTER, Amos, *Political Roles and military Rulers*, London, Frank Cass and Co. Ld., 1981.

SMITH, Rupert, *A Utilidade da Força*, Edições 70, Lisboa, 2008

WRIGHT, Quincy, *A study of War*, The University of Chicago Press, Chicago, 1983

Manuais

ANDRADE, John, *Acção Directa. Dicionário de Terrorismo e Activismo Político*, Hugin Editores, Lisboa, 1999.

COUTO, Abel Cabral, *Elementos de Estratégia*, I.A.E.M. Lisboa, 1988.

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, (1987), *Regulamento de Campanha RC 130-1, Operações*, Lisboa, Estado Maior do Exército, [2 volumes].

Publicações periódicas

ADAMS, James, *The Next World War: the warriors and weapons of new battlefields in cyberspace*, Hutchinson, London, 1993

BALTAZAR, Maria da Saudade, *(Re)Pensar a Sociologia dos Conflitos: a Disputa Paradigmática entre a Paz Negativa e/ou Paz Positiva*, in *Nação e Defesa*, nº 116, 3ª Série, Primavera 2007.



BERG, Coen van; SOETERS, Joseph; DECHESNE, Mark, *The effects of death threats during peace operations*, in NL ARMS 2005/2006, NLDA, BREDA

GARCIA, Francisco Proença (2005). “As Guerras do Terceiro Tipo e a Estratégia Militar. Uma Possível Análise”, in Vários, *Revista Militar*, N.º 2447, Dezembro, Lisboa

MARTINS, Raul, *A fenomenologia da guerra, da paz e dos conflitos*, in Nação e Defesa, N.º 65, Primavera, IDN, Lisboa

PINTO, Maria do Céu, *Tendências nos conflitos de fraca intensidade*, Nação e Defesa, 3ª série, n.º 112, Outono/Inverno de 2006, Lisboa.

RAMALHO, Pinto GEN, *O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta – Uma Reflexão*, in *Revista Militar*, N.º 2443/2444, Agosto/Setembro 2005

SMITH, Paul J; *Transnational Security Threats and State Survival: A Role for the Military?*, in *Parameters*, 3º Trimestre, US Army War College, Carlisle, 2000.

TEIXEIRA, Nuno Severiano, *O Terrorismo Pós Moderno*, Diário de Notícias, 31 de Março, 2004 (consultado em www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=9&ida=50)

VAZ, Nuno Mira (2006), *Reflexões sobre o Campo de Batalha no século XXI*, in Nação e Defesa, n.º113, 3ª série, Primavera 2006, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa

VAZ, Nuno Mira, *Guerra Justa em tempo de Terrorismo. Reflexões em louvor de Michael Walzer*, in Nação e Defesa, N.º113, 3ª Série, Primavera 2006, IDN, Lisboa.

Trabalhos consultados

CAMELO, Luís. Trabalho de Individual de Longa duração “A Nova Conflitualidade, IESM, 1999, Lisboa.

PEREIRA, João. Curso Superior de Comando e Direcção – *A Adequação da Estratégia Militar Face à nova Conflitualidade*, 2002/2003, IESM.



Legislação e documentos

Diário da República; I série B; nº 119; *Regulamento da Academia Militar*; 24-05-1991

Ministério da Defesa Nacional, Despacho nº10543/2005 (2ª série) (Anexo II); *Estrutura curricular e plano de estudos*, 11-05-2005



APÊNDICES



Guião de entrevista

1. *“Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais se confrontam nos dias de hoje?”*
2. *“E no seu entender que alvos visam atingir esses ataques?”*
3. *“De acordo com o que referiu anteriormente sendo a moderna conflitualidade caracterizada por essas especificidades, que repercussões nos militares se antevêm?”*
4. *“Que ameaças podemos salientar fruto do uso destas modernas tecnologias?”*
5. *“O aprontar das nossas forças para missões dispõe de meios e métodos que lhe pareçam ser os indicados?”*
6. *“A capacidade para estabelecer contacto com os media não está ao alcance de todos quer por motivos de formação quer por razões impostas pela tarefa, na sua opinião existe no nosso Exército a atenção devida para este assunto?”*
7. *“De que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?”*
8. *“As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”*



Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado A

	<p>Questão 1: “Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multinacionais se confrontam nos dias de hoje?”</p>	<p>Hipótese 1: A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado A</p>	<p>“...podemos ter um militar nosso, durante a manhã no check-point, numa postura de quase inflexibilidade, rigor e intransigência, durante a tarde numa acção de distribuição de ajuda humanitária e, por fim, às duas horas da madrugada, a arrombar portas, irrompendo pela casa a dentro de um local, para lhe retirar armas, droga e outros pertences que são ilegais possuir, por exemplo.” “...de facto exige-se agora do militar uma maior versatilidade, que só poderá advir do treino.”</p>	<p>Confirma parcialmente H1</p>	<p>Combate em Áreas Edificadas ; Treino;</p>


Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado B

	<p>Questão 1:“Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais se confrontam nos dias de hoje?”</p>	<p>Hipótese 1: A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado B</p>	<p>"Hoje em dia a intervenção militar caracteriza-se essencialmente por uma intervenção rápidas e curtas"...a existência de raids nocturnos era um facto e daí resultavam sempre vítimas mortais..."...o desenrolar praticamente sempre em áreas urbanas"...Esta actual conflitualidade induz cada vez mais a preparação das nossas forças no sentido das CRO"...Existem hoje mais operações em meio urbano o que de facto nos indica a necessidade de preparação dos militares para este tipo de combate, no entanto, nunca deixando o combate convencional de parte, uma vez que as forças devem ter a capacidade para, se necessário, fazer a transição de um tipo de combate para outro."</p>	<p>Confirma H1</p>	<p>Formação: Combate em Áreas Edificadas; Combate "Convencional";</p>



Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado C

	<p>Questão 1:“Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais se confrontam nos dias de hoje?”</p>	<p>Hipótese 1: A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado C</p>	<p>"...o meio onde se desenrolam grande parte das acções é, sem dúvida, nas áreas de considerável densidade populacional, (entendam-se aqui estas áreas como zonas com habitações, zonas industriais por vezes) embora por vezes também se verifiquem caso mais isolados (...) como sejam as que por vezes se verificam em zonas mais montanhosas, confrontos sempre de duração reduzida"...</p>	<p>Confirma H1</p>	<p>CAE</p>



Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado D

	<p>Questão 1:“Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multinacionais se confrontam nos dias de hoje?”</p>	<p>Hipótese 1: A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado D</p>	<p>“...deparamo-nos com uma tipologia dos conflitos em que se realçam forças irregulares, dotadas de armas de fabrico caseiro (...) e, em termos das características dos teatros podemos salientar o facto de presenciarmos a ocorrência de acções essencialmente em meio urbanizado.”</p>	<p>Confirma H1</p>	<p>CAE</p>



Questão 1/Hipótese 1 – Entrevistado E

	<p>Questão 1:“Como caracterizaria a conflitualidade moderna com que as nossas forças, inseridas em teatros de operações e em unidades multi-nacionais se confrontam nos dias de hoje?”</p>	<p>Hipótese 1: A maior necessidade de formação do Combatente em Combate em Áreas Edificadas explica-se pelo facto dos conflitos modernos se desenvolverem privilegiadamente sobre os meios urbanos.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado E</p>	<p>"...caracteriza-se essencialmente por uma ameaça latente, em que existe uma certa instabilidade, e, que a qualquer momento poderão existir reacções..."; "...de salientar a assimetria dos conflitos, denota-se com especial evidência..."; "...as ocorrências de conflitos verifica-se em qualquer área, no entanto a componente urbana será sempre de esperar face aos novos conflitos, no entanto estará sempre evidente a necessidade de os nossos militares receberem a formação mais abrangente, e a mais sólida, nunca esquecendo o que temos como convencional na nossa doutrina (...) pois estando preparados para o mais difícil, tudo o que aparecer não será menos do que aquilo com que já esta familiarizado"</p>	<p>Confirma H1</p>	<p>Características conflitualidade; Formação</p>



Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado A

	<p>Questão 2: “As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”</p>	<p>Hipótese 2: O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado A</p>	<p>“Sim; a preparação é adequada, desde que planeada e cumprida numa óptica de preparação e aquisição dos “skil’s” necessários para combate efectivo.” ..“no aprontamento de uma força existem sempre palestras em que tem por finalidade o enquadramento..”; “...neste aspecto devemos salientar a facilidade com que os nossos militares conseguem estabelecer contacto com as populações, talvez porque a nossa cultura, os nossos hábitos assim proporcionem”</p>	<p>Confirma H2</p>	<p>Cultura; Formação</p>



Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado B

	<p>Questão 2: “As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”</p>	<p>Hipótese 2: O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado B</p>	<p>“...existe no aprontamento sempre uma troca de impressões com pessoas que já lá tenham estado, para quê? Para tentarmos demonstrar situações específicas, uma vez que um comportamento que cá pode ser considerado como «banal» em determinada região do globo pode assim não ser vista, e por vezes constituir uma ofensa, pelo que se torna realmente importante dotarmos os militares deste conhecimento.”</p>	<p>Parcialmente confirmada H2</p>	<p>Comportamental</p>



Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado C

	<p>Questão 2: “As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”</p>	<p>Hipótese 2: O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado C</p>	<p>“Desde 1996 que temos forças no estrangeiro, todas recebem, à <i>priori</i>, o mesmo tempo de aprontamento, normalmente seis meses, e não é neste seis meses que moldamos as personalidades dos militares que levamos...”; “...o que me leva a dizer que no contacto com as populações nos diferentes TO os militares portuguesas têm comportamentos que são muito salutares para o decorrer das operações, a postura, a atitude”</p> <p>“Levamos connosco militares capazes de estabelecerem contacto com as populações envolventes, e revela-se muito importante, recorde até que é hábito nosso querermos aprender expressões locais, e fazer recurso delas”</p>	<p>Parcialmente Confirmada H2</p>	<p>Comportamental Formação linguística</p>



Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado D

<p>Questão 2: “As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”</p>	<p>Hipótese 2: O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>	
<p>Entrevistado D</p>	<p>“...o tempo destinado para o aprontamento da força é essencial (...) podemos «limar algumas arestas» no que em termos de comportamento diz respeito.”; “Certamente não serei único a dizer-lo, o nosso povo tem uma maneira de estar e de ser que em muito nos facilita o contacto com outros povos, coisas que não se ensinam dum dia para o outro...”; “Fruto dos nossos hábitos e costumes diria que temos militares com uma postura realmente de referência...”</p> <p>“... a necessidade de conhecermos o local para onde vamos levar os nossos homens revela-se importante, para lhe podermos dar mais ferramentas, e, assim, levarem conhecimentos no âmbito da língua que lá se fala...”</p>	<p>Parcialmente confirmada H2</p>	<p>Comportamental Formação linguística</p>



Questão 2/Hipótese 2 – Entrevistado E

	<p>Questão 2: “As preparações que os militares têm durante a sua formação parecem-lhe as suficientes e adequadas para que quando no terreno possam estabelecer contacto com as populações? Que competências lhe parece que devam ser de salientar?”</p>	<p>Hipótese 2: O facto dos militares, fruto desta conflitualidade moderna, sentirem necessidade de desenvolver operações com maior proximidade das populações, conduz à necessidade de maior preparação no relacionamento com os cidadãos locais, nomeadamente no que diz respeito a, atitudes, cultura, comportamentos, religião.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado E</p>	<p>“...existem sempre informações que são transmitidas para os militares em aprontamento referindo que hábitos, que culturas vão encontrar, e quanto a isso penso ser o suficiente (...) a nossa cultura permite-nos construir boas relações em qualquer parte do globo, somos habitualmente pessoas muito afáveis, e, ao mesmo tempo, com uma postura muito recta”;</p>	<p>Parcialmente confirmada H2</p>	<p>Cultural</p>



Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado A

	<p>Questão 3: “Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os <i>media</i>?”</p>	<p>Hipótese 3: Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado A</p>	<p>Todos podem falar para os <i>media</i>; mas poucos o sabem fazer com mestria e habilidade. Sim; são feitas palestras e prova disso é que os nossos militares nas FND não têm restrições a falar aos media que nos visitam (...) e não nos deixam ficar mal</p>	<p>Confirma H3</p>	<p>Formação</p>



Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado B

	<p>Questão 3: “Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os <i>media</i>?”</p>	<p>Hipótese 3: Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado B</p>	<p>"Existem alguns aspectos que nos portugueses ainda não encaramos, a meu ver, com a devida importância...a comunicação com os media é uma."; "Se calhar era importante, e já não digo ter formação formal nesta área, mas quanto mais não fosse pelo menos trocas de experiências..."; "Faltam directrizes sobre como é que nos devemos relacionar com os <i>media</i>."</p>	<p>Infirma H3</p>	<p>Formação</p>


Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado C

	<p>Questão 3: “Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os <i>media</i>?”</p>	<p>Hipótese 3: Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado C</p>	<p>"Da experiência que vivi, e da percepção que tenho neste momento, deveria existir mais formação nesta área, é sem dúvida uma área crítica."; "...de qualquer dos modos, não temos verificados problemas, digo isto para as Forças portugues, muito também porque temos bem estabelecido quem pode prestar declarações, e se eventualmente existir uma excepção teremos certamente um militar que dará o melhor de si em prol de quem representa..."</p>	<p>Infirma H3</p>	<p>Formação</p>


Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado D

	<p>Questão 3: “Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os <i>media</i>?”</p>	<p>Hipótese 3: Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado D</p>	<p>"A formação nesta área foi reduzida, no entanto aquando do aprontamento nós demos formação aos nosso militares (...) mas de facto, tivemos essa preocupação."; "não foi uma formação do tipo formal, foi sim um conjunto de indicações que os militares deveriam de seguir por forma a que o desenrolar das acções ocorre-se com normalidade..."</p>	<p>Parcialmente confirmada H3</p>	<p>Formação</p>



Questão 3/Hipótese 3 – Entrevistado E

	<p>Questão 3: “Os militares recebem formação adequada e focada para as actuais missões sabendo que existe a necessidade de estabelecer contacto com os <i>media</i>?”</p>	<p>Hipótese 3: Os media são parte integrante nos novos conflitos modernos, pelo que será expectável que um maior contacto com estes e a sua interferência nas operações exijam do militar, uma maior preparação para lidar com jornalistas e órgãos de comunicação social.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado E</p>	<p>"A formação é comum a todo o militar, existe um conjunto de regras a que todos devem obedecer (...) informar os militares de que por vezes uma informação mal transmitida."; "Não podemos dar uma formação tão especializada a tanta gente, e ao mesmo tempo, sob o risco de se desperdiçarem recursos..."</p>	<p>Parcialmente confirmada H3</p>	<p>Formação</p>



Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado A

	<p>Questão 4: “Verificamos que as novas tecnologias são de evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, de que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?”</p>	<p>Hipótese 4: A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado A</p>	<p>“...poupam-nos tempo, poupam preocupações, reduzem incertezas e possibilitam-nos interagir e interoperar com outras forças. Jamais o poderíamos fazer se não estivéssemos dotados de alguns meios que possuímos nas FND; por outro lado, alguns desses meios conferem-nos maior segurança e contribuem para a nossa protecção.”; “A ameaça da dependência dos meios; temos GPS mas devemos aumentar, valorizar e incrementar na nossa instrução de topografia de navegação em viatura com carta (...) até os legionários se perdem no Afeganistão;” “Os meios de empastelamento de frequências rádio utilizado pelos grandes traficantes também empastelam os nossos GPS e as nossas comunicações e... quando damos por ela (...) estamos ninguém sabem bem onde...”</p>	<p>Confirma H4</p>	<p>Formação – área tecnológica</p>



Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado B

	<p>Questão 4: “Verificamos que as novas tecnologias são de evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, de que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?”</p>	<p>Hipótese 4: A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado B</p>	<p>"Dá-mos formação aos nossos militares, dentro do que nos é possível. E isto porque? Existem meios que só nos serão disponibilizados no teatro.";</p> <p>"Vivemos uma realidade. Os meios são os suficientes, sim. Mas não os desejáveis..."; "Necessitamos, a meu ver, de mais material naturalmente, uma vez que as operações hoje em dia são sem dúvida dependentes destes meios...";</p> <p>"...recordo agora, por exemplo, a necessidade de recorrer a jammers, para fazer face às consecutivas tentativas de empastelamento..."</p>	<p>Confirma H4</p>	<p>Formação – área tecnológica</p>



Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado C

	<p>Questão 4: “Verificamos que as novas tecnologias são de evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, de que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?”</p>	<p>Hipótese 4: A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios.</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado C</p>	<p>“Só deste forma teremos os militares dotados de capacidades para poderem fazer face as actuais exigências...”; “...temos conseguido mais preparação nesta área, sem dúvida, mas ainda temos um longo caminho a percorrer”</p>	<p>Confirma H4</p>	<p>Formação</p>



Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado D

	<p>Questão 4: Verificamos que as novas tecnologias são de evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, de que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?</p>	<p>Hipótese 4: "A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios."</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado D</p>	<p>"Actualmente, quer para o decorrer das operações, quer para o próprio bem-estar dos nossos homens, está evidente a necessidade do uso das novas tecnologias."</p>	<p>Confirma H4</p>	<p>Formação</p>


Questão 4/Hipótese 4 – Entrevistado E

	<p>Questão 4: Verificamos que as novas tecnologias são de evidente importância para o decorrer das operações no dia-a-dia, de que forma lhe parece que estes meios tenham especial relevo para as nossas forças destacadas?</p>	<p>Hipótese 4: "A tecnologia, que hoje é de acesso ao comum do cidadão, pode ser utilizada como fonte de informação ou como ameaça, pelo que se será previsível que os militares tenham agora mais contacto com estes meios."</p>	<p>Dimensões Abordadas</p>
<p>Entrevistado E</p>	<p>"A necessidade de saber sempre mais é, e será, sempre algo de uma importância extrema, por vezes não é possível com os meios que dispomos no aprontamento, mas, na chegada ao teatro serão colmatadas essas falhas..."</p>	<p>Confirma H4</p>	<p>Formação</p>



ANEXOS



ANEXO A – Processo de registo do ciclo de estudo

Processo de registo de adequação de ciclo de estudo

Face ao referido anteriormente, em conjugação com as competências identificadas para o desempenho da profissão, resultou que a adequação do curso deveria incorporar as competências gerais do grau de Mestre definidas pelos descritores de Dublin, entre elas:

- a. Possuir **conhecimentos e capacidade de compreensão** a um nível que (...) constituam a base de desenvolvimentos e ou aplicações originais, em muitos casos em contexto de **investigação**;
- b. **Aplicar conhecimentos e capacidade de compreensão** e de resolução de problemas em situações novas e não familiares, em contextos alargados e multidisciplinares, ainda que relacionados com a sua área de estudo;
- c. **Realização de julgamento/tomada de decisões** - capacidade para **integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, (...) e responsabilidades éticas e sociais** que resultem dessas soluções e desses juízos;
- d. Ser capazes de **comunicar** as suas conclusões, e os conhecimentos e raciocínios a elas subjacentes, quer a especialistas, quer a não especialistas, de uma **forma clara e sem ambiguidades**;
- e. Competências que lhes permitam uma **auto-aprendizagem ao longo da vida**, de um modo fundamentalmente auto-orientado ou autónomo.

Deste modo, foi proposto ao Comando do Exército um projecto de planos de estudo, em que a adequação do curso encontra os seus objectivos globais de formação num **ciclo de estudos integrado conducente ao grau de Mestre**. A proposta mereceu por parte do Comando do Exército um despacho favorável e orientador dos objectivos globais do curso, sustentado no modelo constante do formulário de adequação.

b. Organização do Curso

A arquitectura do curso corresponde às necessidades objectivas do desempenho dos futuros Oficiais de Artilharia quando se encontrarem ao serviço do Exército. Há, assim, pressupostos de **especialização, de profissionalização e de fidelização institucional** que são determinantes na forma como se articula a vida interna dos alunos em regime de internato, com o ensino e os conteúdos das áreas científicas abrangidas nas estruturas curriculares.

O ensino ministrado na Academia Militar tem um carácter objectivo e dinâmico visando a formação global e integral dos alunos como chefes militares e como cidadãos, e, por isso, está orientado para garantir um adequado equilíbrio das seguintes vertentes de formação fundamentais:

- Preparação de quadros altamente qualificados com competências e capacidade para comandar em situações de risco e incerteza típicas do combate armado, em resposta às exigências da segurança e da defesa nacionais;
- **Formação Científica de Base**, de nível universitário, que serve de suporte ao desenvolvimento e compreensão das matérias de cada curso e à aquisição de novas competências decorrentes da acelerada evolução do conhecimento, numa perspectiva de valorização profissional permanente, como condição de acesso aos sucessivos níveis da hierarquia militar;
- **Formação Científica de índole Técnica e Tecnológica**, destinada a satisfazer as qualificações profissionais indispensáveis ao desempenho de funções técnicas;



Processo de registo de adequação do ciclo de estudo

- **Formação Comportamental**, consubstanciada numa sólida educação militar, moral e cívica, tendo em vista desenvolver nos alunos qualidades de comando, direcção e chefia inerentes à condição militar;
- **Preparação Física e Adestramento Militar**, que constitui uma especificidade da formação dos alunos enquanto militares, e tem como objectivo proporcionar a aptidão física e o treino militar indispensáveis ao cumprimento das suas futuras missões. Engloba disciplinas com carga horária variável, de instrução militar geral e técnicas e métodos de treino físico, sem atribuição de créditos ECTS, e de acordo com as directivas do Comando do Exército;
- **Actividades Complementares de Formação**, que visam a aplicação prática de conhecimentos, o desenvolvimento das capacidades para o desempenho, a obtenção de experiência profissional e a familiarização com as realidades do Exército; incluem a realização de exercícios militares, estágios, visitas, trabalhos de investigação e a participação em seminários;
- **Actividades Circum-escolares**, nos primeiros quatro anos do curso, que permitem a prática de actividades de índole lúdica e cultural, à escolha do aluno, ou o aperfeiçoamento do seu desempenho numa modalidade desportiva.

c. Adequação do curso

Decorrente do processo de adequação, procederam-se às seguintes alterações:

- (1) Equilibraram-se as componentes da formação no âmbito das Ciências Sociais e Humanas e das Ciências Exactas;
- (2) Deu-se relevância à componente tecnológica, nomeadamente nos domínios das tecnologias da informação e da comunicação;
- (3) Semestralizaram-se todas as unidades curriculares dos planos de estudos;
- (4) Atribuiu-se mais tempo presencial à componente prática e teórico-prática, em detrimento da componente estritamente teórica;
- (5) Concentrou-se nos primeiros 6 semestres do ciclo de estudos a formação mais generalista, para que a especialização decorresse nos restantes 4 semestres;
- (6) De acordo com a legislação, incluiu-se no último ano do curso um Estágio de Natureza Profissional com a elaboração de um Relatório a ser apreciado e discutido publicamente perante um júri.

Em resumo, o ciclo de estudos integrado conducente ao grau de **Mestre em Ciências Militares, na especialidade de Artilharia**, está organizado para um período de cinco anos lectivos, correspondentes a 300 ECTS, distribuídos de igual forma pelos 8 semestres académicos e por 2 semestres curriculares, a que se dá o nome de Tirocinio com forte componente prática e ao qual foram atribuídos 60 ECTS; durante a realização do mesmo encontra-se incluído um Estágio de Natureza Profissional creditado com 30 ECTS e que incorpora um trabalho de investigação aplicada, no qual se pretende que os alunos exercitem e reforcem as competências correspondentes ao grau de mestre definidas pelos descritores de Dublin.

O Tirocinio tem por finalidade proporcionar aos alunos, a formação orientada para a prática e consolidação de conhecimentos teóricos apreendidos, no âmbito da formação técnica e tática da Arma, relevar e exercitar a sua aptidão no âmbito do comando e



Processo de registo de adequação de ciclo de estudo

liderança, adquirir competências no âmbito da pesquisa e investigação em ambiente profissional, consolidando desse modo, a sua formação militar, científica, técnica, comportamental e física indispensáveis a todos os futuros oficiais do Exército.

F. Demonstração sumária da adequação da organização do ciclo de estudos e metodologias de ensino

a. Metodologias de ensino

São as competências, capacidades e perícias caracterizadoras do grau de mestre na Área Europeia do Ensino Superior, as que definem um nível e um leque de competências compatíveis com a caracterização funcional dos cargos a ocupar, pelo menos durante os primeiros anos dos percursos profissionais disponíveis.

Consequência do esforço de modernização do país, mas também determinadas por uma crescente internacionalização da vida política, económica, social e cultural que atinge também as áreas da Segurança e Defesa, exigem-se novas capacidades, introduzem-se novas tecnologias e adoptam-se doutrinas e procedimentos que terão que ser absorvidos pelos novos saberes e competências.

Neste ambiente é fundamental reorientar o ensino baseado na transmissão de conhecimentos e transformá-lo num ensino baseado no desenvolvimento de competências, onde a componente experimental e de projecto desempenham um papel importante, em que os alunos devem ser encorajados a desenvolver uma atitude mais activa e central, e com uma componente de autonomia mais acentuada.

Esta mudança requer alterações profundas na pedagogia de ensino, na organização das unidades curriculares, enfim, de todo um sistema tradicionalmente expositivo para um sistema dinâmico e fortemente participativo dos alunos. A definição dos métodos pedagógicos de ensino encontra-se, na generalidade, sustentado no ensino teórico, teórico-prático, ensino prático e laboratorial, trabalhos de campo, seminários, visitas de estudo e sobretudo numa forte componente de orientação tutorial.

A aprendizagem e avaliação a adoptar em cada unidade curricular, encontra-se especificada através das competências visadas nessa unidade, de forma a assegurar que se atinjam os objectivos de aprendizagem globais do ciclo de estudos integrado conducente ao grau de mestre.

Naturalmente, este novo formato de ensino deverá estar associado a actividades de investigação, inovação e aprofundamento constante de competências já adquiridas. A investigação na AM decorre das competências residentes e da necessidade do seu desenvolvimento para fins de aplicação, bem como das necessidades e interesses de Investigação Aplicada para o Exército e GNR, com vista a satisfazer os Objectivos Força propostos pelo Centro de Investigação da Academia Militar (CINAMIL), em particular na área operacional.

Em resumo, a adequação para além do mero instrumento de forma é **sobretudo uma alteração profunda dos métodos pedagógicos**, assentes em estruturas formativas que cumpram os **critérios de qualidade** exigidos, com o imperativo de reforçar o nível dos objectivos de ensino atribuídos à Academia Militar, credibilizando a sua missão e assegurando o nível científico, técnico e comportamental dos Oficiais de Artilharia do Exército Português.



Processo de registo de adequação de ciclo de estudo

liderança, adquirir competências no âmbito da pesquisa e investigação em ambiente profissional, consolidando desse modo, a sua formação militar, científica, técnica, comportamental e física indispensáveis a todos os futuros oficiais do Exército.

F. Demonstração sumária da adequação da organização do ciclo de estudos e metodologias de ensino

a. Metodologias de ensino

São as competências, capacidades e perícias caracterizadoras do grau de mestre na Área Europeia do Ensino Superior, as que definem um nível e um leque de competências compatíveis com a caracterização funcional dos cargos a ocupar, pelo menos durante os primeiros anos dos percursos profissionais disponíveis.

Consequência do esforço de modernização do país, mas também determinadas por uma crescente internacionalização da vida política, económica, social e cultural que atinge também as áreas da Segurança e Defesa, exigem-se novas capacidades, introduzem-se novas tecnologias e adoptam-se doutrinas e procedimentos que terão que ser absorvidos pelos novos saberes e competências.

Neste ambiente é fundamental reorientar o ensino baseado na transmissão de conhecimentos e transformá-lo num ensino baseado no desenvolvimento de competências, onde a componente experimental e de projecto desempenham um papel importante, em que os alunos devem ser encorajados a desenvolver uma atitude mais activa e central, e com uma componente de autonomia mais acentuada.

Esta mudança requer alterações profundas na pedagogia de ensino, na organização das unidades curriculares, enfim, de todo um sistema tradicionalmente expositivo para um sistema dinâmico e fortemente participativo dos alunos. A definição dos métodos pedagógicos de ensino encontra-se, na generalidade, sustentado no ensino teórico, teórico-prático, ensino prático e laboratorial, trabalhos de campo, seminários, visitas de estudo e sobretudo numa forte componente de orientação tutorial.

A aprendizagem e avaliação a adoptar em cada unidade curricular, encontra-se especificada através das competências visadas nessa unidade, de forma a assegurar que se atinjam os objectivos de aprendizagem globais do ciclo de estudos integrado conducente ao grau de mestre.

Naturalmente, este novo formato de ensino deverá estar associado a actividades de investigação, inovação e aprofundamento constante de competências já adquiridas. A investigação na AM decorre das competências residentes e da necessidade do seu desenvolvimento para fins de aplicação, bem como das necessidades e interesses de Investigação Aplicada para o Exército e GNR, com vista a satisfazer os Objectivos Força propostos pelo Centro de Investigação da Academia Militar (CINAMIL), em particular na área operacional.

Em resumo, a adequação para além do mero instrumento de forma é **sobretudo uma alteração profunda dos métodos pedagógicos**, assentes em estruturas formativas que cumpram os **critérios de qualidade** exigidos, com o imperativo de reforçar o nível dos objectivos de ensino atribuídos à Academia Militar, credibilizando a sua missão e assegurando o nível científico, técnico e comportamental dos Oficiais de Artilharia do Exército Português.



 Processo de registo de adequação de ciclo de estudo

2.5. Tomada Decisão.

– **Competências Emocionais**

- 3.1. Equilíbrio e Estabilidade Emocional;
- 3.2. Resiliência;
- 3.3. Auto Controlo;
- 3.4. Auto Confiança;
- 3.5. Assertividade;
- 3.6. Adaptação/Flexibilidade.

– **Competências de Adestramento Militar e Físico**

- 4.1. Aptidão Militar;
- 4.2. Aptidão Física.

– **Competências de Comando e Liderança**

- 5.1. Comando e Direcção;
- 5.2. Construção de Relações;
- 5.3. Construção de Redes Sociais;
- 5.4. Influência;
- 5.5. Execução e Implementação.

A caracterização genérica das competências encontra-se descrita em anexo que é parte integrante deste processo de registo (Anexo A).

Conscientes de que este trabalho se encontra em constante evolução, foi-se em seguida encontrar as suas relações com o grupo de competências genéricas do projecto *twing*. A conclusão, para além de responder positivamente ao que era previsível, revelou ainda um acréscimo de competências, sobretudo ao nível das competências emocionais e naturalmente do adestramento Militar e Físico, facto que não é alheio se se considerar que o curso se destina a formar Oficiais para o Exército. Verificou-se ainda, durante o levantamento das competências, um “apelo” constante à Liderança facto pelo qual foi entendido que o Comando e a Liderança, por si só, constituiria um grupo individualizado de competências.

A Figura 1. pretende representar num primeiro círculo interno – núcleo (*core*), os valores e a ética que regulam e orientam as **atitudes** e o **comportamento** dos elementos da Instituição. O segundo círculo compreende as competências mais individuais, inerentes ao sujeito (i.e. cognitivas, emocionais, militares e físicas). Finalmente num terceiro círculo aparecem num primeiro nível a competência sistémica/organizacional, relativa às orientações e estratégias da Instituição e a competência comando e liderança, que envolvem o estabelecimento de relações no interior e para o exterior da Instituição.



 Processo de registo de adequação de ciclo de estudo



Figura 1: Representação do Modelo de Competências

Após se terem levantado as competências, iniciou-se a construção dos planos de estudo, encontrando as áreas científicas do conhecimento que respondessem às competências identificadas. Como já foi referido, posteriormente cada Unidade Curricular específica, detalha e corporiza as competências específicas, de forma a contribuir para as competências gerais e sobretudo para que se atinjam os objectivos de aprendizagem globais do ciclo de estudos integrado conducente ao grau de mestre.

Seguidamente, sistematizou-se a correlação necessária entre as competências levantadas e as Áreas Científicas.

Áreas Científicas	
N1	Matemática, Informática e Representação Gráfica
N2	Física e Química
N3	Ciências da Terra e do Espaço
M1	Organização, Tática e Logística
M2	Material e Tiro
M3	Comando e Estratégia Militar
M4	História e Relações Internacionais
E3	Engenharia Electrotécnica
H1	Economia, Gestão e Administração
H2	Ciências Sócio-Comportamentais
H3	Ciências Jurídicas
H4	Motoridade Humana
I1	Inglês
TPO	Tirocínio Para Oficial

Tabela 1 - Áreas Científicas abrangidas no ciclo de estudos integrado



ANEXO B – Plesmil projecto para 2010/2011

Anexo B à Proposta 04/SEP/Pág. 1

ACADEMIA MILITAR PLESMIL 102 – 2008/2009 (PROJECTO)

Plano de Estudos 1º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tutor de Curso		ECTS
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais	TE Semestrais		ECTS	
				1º Sem.	2º Sem.		
H222	Metodologia da Comunicação	1S	3		45	4	
H311	Noções Fundamentais de Direito	1S	3		45	6	
M321	Geografia	1S	3		45	4	
N111	Matemática Geral I	1S	5		75	8	
N221	Química	1S	3		75	6	
H211	Introdução às Ciências Sociais	2S		3	45	5	
M111	Organização Militar	2S		3	45	3	
M121	Organização do Terreno	2S		3	45	4	
M412	História de Portugal	2S		3	45	4	
N124	Álgebra Linear	2S		5	75	6	
N131	Introdução à Programação	2S		3	45	6	
I111	Inglês I	1S	3		45	2	
I112	Inglês II	2S		3	45	2	
F111	Formação Geral Militar I	A	3	3	45	45	
F211	Educação Física I	A	5	5	75	75	
Total de TE semanais			30	30			
Total de ECTS						60	

Plano de Estudos 2º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tutor de Curso		ECTS
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais	TE Semestrais		ECTS	
				1º Sem.	2º Sem.		
E316	Sistemas Computacionais e de Comunicação	3S	3		45	4	
H241	Sociologia Militar	3S	3		45	4	
M131	Tática Geral e Operações Militares I	3S	3		45	4	
M414	História Militar I	3S	2		30	4	
N112	Matemática Geral II	3S	5		75	7	
N311	Topografia I	3S	4		60	6	
H317	Noções Gerais de Direito Administrativo	4S		4	60	5	
M132	Tática Geral e Operações Militares II	4S		3	45	4	
N133	Bases de Dados	4S		3	45	5	
N211	Física	4S		5	75	6	
N312	Topografia II	4S		4	60	7	
I113	Inglês III	3S	3		45	2	
I114	Inglês IV	4S		3	45	2	
F112	Formação Geral Militar II	A	3	3	45	45	
F212	Educação Física II	A	5	5	75	75	
Total de TE semanais			31	30			
Total de ECTS						60	



Anexo B à Proposta 04/SEFPág. 3

ACADEMIA MILITAR PLESMIL 102 – 2008/2009 (PROJECTO)

Plano de Estudos 1º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Artilharia			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tenente-General		
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
					1º Sem.	2º Sem.	
H222	Metodologia da Comunicação	1S		3		45	4
H311	Noções Fundamentais de Direito	1S	3		45		6
M321	Geografia	1S	3		45		4
N111	Matemática Geral I	1S	5		75		8
N221	Química	1S	5		75		6
H311	Introdução às Ciências Sociais	2S		3		45	5
M111	Organização Militar	2S		3		45	3
M121	Organização do Terreno	2S		3		45	4
M412	História de Portugal	2S		3		45	4
N124	Álgebra Linear	2S		5		75	6
N131	Introdução à Programação	2S		3		45	6
II11	Inglês I	1S	3		45		2
II12	Inglês II	2S		3		45	2
F111	Formação Geral Militar I	A	3	3	45	45	—
F211	Educação Física I	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais			30	30			60
Total de ECTS							

Plano de Estudos 1º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Artilharia			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tenente-General		
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
					1º Sem.	2º Sem.	
E316	Sistemas Computacionais e de Comunicação	3S	3		45		4
H241	Sociologia Militar	3S	3		45		4
M131	Tática Geral e Operações Militares I	3S	3		45		4
M414	História Militar I	3S	2		30		4
N112	Matemática Geral II	3S	5		75		7
N311	Topografia I	3S	4		60		6
H317	Noções Gerais de Direito Administrativo	4S		4		60	5
M132	Tática Geral e Operações Militares II	4S		3		45	4
N133	Bases de Dados	4S		3		45	5
N211	Física	4S		5		75	6
N312	Topografia II	4S		4		60	7
II13	Inglês III	3S	3		45		2
II14	Inglês IV	4S		3		45	2
F112	Formação Geral Militar II	A	3	3	45	45	—
F212	Educação Física II	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais			31	30			60
Total de ECTS							



Anexo B à Proposta 04/SEPPág. 4

ACADEMIA MILITAR PLESMIL 102 – 2008/2009 (PROJECTO)

Plano de Estudos 3º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Artilharia				Voto Fernando Manuel Palma Monteiro Tutor de General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
H131	Introdução a Gestão	3S	3		45		6
H314	Noções Fundamentais de Ciência Política e Direito Constitucional	3S	4		60		5
M151	Logística	3S	3		45		4
M415	História Militar II	3S	3		45		5
N125	Probabilidades e Estatística	3S	5		75		6
H133	Gestão de Recursos Humanos	6S		3		45	6
H223	Gestão da Comunicação	6S		3		45	5
H333	Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados	6S		3		45	5
H411	Pedagogia da Educação Física	6S		3		45	4
M211	Elementos de Armamento	6S		3		45	4
N151	Investigação Operacional	6S		5		75	6
I115	Inglês V	3S	3		45		2
I116	Inglês VI	6S		3		45	2
F113	Formação Geral Militar III	A	3	3	45	45	—
F213	Educação Física III	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais:			29	31			
						Total de ECTS	60

Plano de Estudos 4º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Artilharia				Voto Fernando Manuel Palma Monteiro Tutor de General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
M133	Tática de Artilharia I	7S	4		60		7
M221	Balística	7S	3		45		3
M311	Ética e Liderança	7S	4		60		5
M421	Teoria das Relações Internacionais	7S	4		60		5
M223	Sistemas de Armas de Artilharia e Tiro I	7S	7		105		9
H114	Administração e Finanças Públicas	8S		3		45	4
H251	Seminário de Relatório de Estágio	8S		1		15	-
M136	Tática de Artilharia II	8S		6		90	9
M224	Sistemas de Armas de Artilharia e Tiro II	8S		8		120	10
M322	Teoria Geral da Estratégia	8S		3		45	4
I117	Inglês VII	7S	2		30		2
I118	Inglês VIII	8S		2		30	2
F114	Formação Geral Militar IV	A	3	3	45	45	—
F214	Educação Física IV	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais:			32	31			
						Total de ECTS	60

Plano de Estudos 5º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Artilharia				Voto Fernando Manuel Palma Monteiro Tutor de General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
	Tirocínio para Oficial	Anual					60
						Total de ECTS	60



ACADEMIA MILITAR PLESMIL 102 – 2008/2009 (PROJECTO)

Plano de Estudos 1º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tenente-General		
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE		TE Semestrais		ECTS
			Semanais		1º Sem.	2º Sem.	
H222	Metodologia da Comunicação	1S		3		45	4
H311	Noções Fundamentais de Direito	1S	3		45		6
M321	Geografia	1S	3		45		4
N111	Matemática Geral I	1S	5		75		8
N221	Química	1S	5		75		6
H211	Introdução às Ciências Sociais	2S		3		45	5
M111	Organização Militar	2S		3		45	3
M121	Organização do Terreno	2S		3		45	4
M412	História de Portugal	2S		3		45	4
N124	Álgebra Linear	2S		5		75	6
N131	Introdução à Programação	2S		3		45	6
I111	Inglês I	1S	3		45		2
I112	Inglês II	2S		3		45	2
F111	Formação Geral Militar I	A	3	3	45	45	—
F211	Educação Física I	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais			30	30			60
Total de ECTS							60

Plano de Estudos 1º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria			Visto Fernando Manuel Pedro Monteiro Tenente-General		
Código	Unidades Curriculares	Semestre	TE		TE Semestrais		ECTS
			Semanais		1º Sem.	2º Sem.	
E316	Sistemas Computacionais e de Comunicação	3S	3		45		4
H241	Sociologia Militar	3S	3		45		4
M131	Tática Geral e Operações Militares I	3S	3		45		4
M414	História Militar I	3S	2		30		4
N112	Matemática Geral II	3S	5		75		7
N311	Topografia I	3S	4		60		6
H317	Noções Gerais de Direito Administrativo	4S		4		60	5
M132	Tática Geral e Operações Militares II	4S		3		45	4
N133	Bases de Dados	4S		3		45	5
N211	Física	4S		5		75	6
N312	Topografia II	4S		4		60	7
I113	Inglês III	3S	3		45		2
I114	Inglês IV	4S		3		45	2
F112	Formação Geral Militar II	A	3	3	45	45	—
F212	Educação Física II	A	5	5	75	75	—
Total de TE semanais			31	30			60
Total de ECTS							60



Anexo B à Proposta 04/SEPPág. 6

ACADEMIA MILITAR
PLESMIL 102 – 2008/2009
(PROJECTO)

Plano de Estudos 3º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria				Visto Fernando Manuel Patro Monteiro Tensado General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
H131	Introdução a Gestão	5S	3		45		6
H314	Noções Fundamentais de Ciência Política e Direito Constitucional	5S	4		60		5
M151	Logística	5S	3		45		4
M415	História Militar II	5S	3		45		5
N125	Probabilidades e Estatística	5S	5		75		6
H133	Gestão de Recursos Humanos	6S		3		45	6
H223	Gestão da Comunicação	6S		3		45	5
H333	Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados	6S		3		45	5
H411	Pedagogia da Educação Física	6S		3		45	4
M211	Elementos de Armamento	6S		3		45	4
N151	Investigação Operacional	6S		5		75	6
I115	Inglês V	5S	3		45		2
I116	Inglês VI	6S		3		45	2
F113	Formação Geral Militar III	A	3	3	45	45	—
F213	Educação Física III	A	3	3	75	75	—
Total de TE semanais:			29	31			
Total de ECTS							60

Plano de Estudos 4º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria				Visto Fernando Manuel Patro Monteiro Tensado General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
M137	Tática de Cavalaria I	7S	7		105		11
M222	Sistemas de Armas da Manobra e Tiro	7S	4		60		9
M311	Ética e Liderança	7S	4		60		5
M421	Teoria das Relações Internacionais	7S	4		60		5
H114	Administração e Finanças Públicas	8S		3		45	4
H251	Seminário de Relatório de Estágio	8S		1		15	-
M138	Tática de Cavalaria II	8S		7		105	11
M213	Sistemas de Armas de Cavalaria	8S		5		75	7
M322	Teoria Geral da Estratégia	8S		3		45	4
I117	Inglês VII	7S	2		30		2
I118	Inglês VIII	8S		2		30	2
F114	Formação Geral Militar IV	A	3	3	45	45	—
F214	Educação Física IV	A	5	5	75	75	—
F311	Equitação	A	3	3	45	45	—
Total de TE semanais:			32	32			
Total de ECTS							60

Plano de Estudos 5º Ano		Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria				Visto Fernando Manuel Patro Monteiro Tensado General	
Codigo	Unidades Curriculares	Semestre	TE Semanais		TE Semestrais		ECTS
			1º Sem.	2º Sem.	1º Sem.	2º Sem.	
	Tirocinio para Oficial	Anual					60
Total de ECTS							60



ANEXO C – Regulamento da Academia Militar

N.º 119 — 24-5-1991

DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-B

2827

Regulamento da Academia Militar

CAPÍTULO I

Definição e missão

Artigo 1.º

Definição e missão

1 — A Academia Militar (AM) é um estabelecimento militar de ensino superior que desenvolve actividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade, com a finalidade essencial de formar oficiais destinados aos quadros permanentes das armas e serviços do Exército.

2 — Na AM são ministrados os cursos de licenciatura que habilitam ao ingresso na categoria de oficiais dos quadros permanentes, assim como poderão ser ministrados outros cursos de formação de oficiais dos quadros permanentes, como ainda poderão ser realizadas acções de formação que se revelem de interesse para o desenvolvimento dos conhecimentos militares.

3 — Em conformidade com determinações específicas do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), pode ainda a AM:

- Realizar cursos ou estágios de aperfeiçoamento, reciclagem ou especialização de interesse para o Exército;
- Realizar cursos ou estágios de qualificação de oficiais para os quadros permanentes dos serviços do Exército, relativamente aos quais não existam cursos de formação militar;
- Realizar, coordenar ou colaborar em projectos de ensino ou de investigação e desenvolvimento, integrados em objectivos de interesse nacional, nomeadamente na área da defesa;
- Realizar cursos ou estágios de nível superior destinados a alunos de nacionalidade estrangeira, autorizados a frequentar a AM ao abrigo de acordos de cooperação internacionais.

Artigo 2.º

Dependência

A AM constitui um estabelecimento militar do Exército na dependência do CEME.

CAPÍTULO II

Estrutura orgânica

SECÇÃO I

Orgânica geral

Artigo 3.º

Estrutura orgânica geral

1 — A AM tem a seguinte estrutura orgânica geral:

- Comando;
- Direcção de Ensino;
- Corpo de Alunos;
- Direcção dos Serviços Gerais.

2 — A AM compreende ainda os seguintes órgãos específicos de conselho do comandante:

- Conselho académico;
- Conselho de disciplina.

3 — A AM dispõe de acordo com a estrutura mencionada nos números anteriores da organização que se encontra representada nos organogramas que constituem o anexo A a este Regulamento:

- Organograma I — Estrutura orgânica geral;
- Organograma II — Direcção de ensino;
- Organograma III — Corpo de alunos;
- Organograma IV — Direcção dos serviços gerais.

SECÇÃO II

Comando

Artigo 4.º

Estrutura

O comando da AM integra:

- Comandante;
- 2.º comandante;
- Órgãos de apoio do comando.

SUBSECÇÃO I

Comandante

Artigo 5.º

Nomeação

1 — O comandante da AM, que adiante se designa abreviadamente por comandante, é um general do Exército, nomeado nos termos da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas.

2 — O comandante depende directamente do CEME, perante quem responde pelo cumprimento da missão atribuída à AM.

Artigo 6.º

Competências

1 — Além das competências atribuídas pelos regulamentos aos comandantes de unidades do Exército e daquelas que o CEME entenda nele delegar, ao comandante compete dirigir superiormente todas as actividades da AM e, em especial:

- Estabelecer directivas e superintender na sua execução, designadamente nas áreas do ensino e da formação dos alunos e nos aspectos relacionados com a disciplina e a segurança do pessoal e das instalações;
- Delegar no 2.º comandante as competências que entender necessárias;
- Convocar o conselho académico sempre que se afigure conveniente ouvi-lo sobre assuntos relacionados com a orientação superior do ensino na AM e presidir às suas reuniões;
- Convocar o conselho de disciplina e presidir às suas reuniões;
- Aprovar o calendário anual de actividades e os planos de trabalhos escolares, propostos pelo director de Ensino e controlar e coordenar a sua execução;
- Propor ao CEME os projectos de alteração da orgânica e da estrutura do ensino da AM, em resultado da experiência adquirida e da necessidade do acompanhamento permanente da evolução do ensino no âmbito do sistema universitário português;
- Propor ao CEME, para aprovação, os planos dos cursos ministrados na AM e respectivas alterações, quando for caso disso, ouvido o conselho académico;
- Aprovar os programas das diversas disciplinas que integram os planos dos cursos;
- Propor ao CEME, para aprovação, as propostas de abertura dos concursos para recrutamento e selecção de docentes, bem como as propostas de contratação de docentes civis;
- Apresentar ao CEME, para homologação, os resultados dos concursos de docentes;
- Celebrar contratos e renovar os contratos dos docentes civis, obtida a autorização do CEME;
- Nomear a comissão de recrutamento e admissão de alunos aos cursos da AM para preenchimento do número de vagas fixado anualmente por despacho do Ministro da Defesa Nacional;
- Definir e controlar, de acordo com directivas superiores, os programas de actividades concernentes à gestão do pessoal e à logística, incluindo a prestação de informações individuais relativas ao pessoal e a elaboração dos planos anuais de actividades;
- Definir, de acordo com directivas superiores, os programas que hão-de servir de base à elaboração das propostas orçamentais e controlar a execução das actividades financeiras;



- p) Celebrar convénios e protocolos com as universidades e outras instituições de ensino superior ou de investigação para os fins consignados no Estatuto da AM;
- q) Abrir os concursos de admissão de alunos aos cursos;
- r) Promover o desenvolvimento da acção educacional e, bem assim, o aperfeiçoamento da organização do ensino;
- s) Representar a AM em actos oficiais, podendo delegar essa representação;
- t) Exercer a competência disciplinar escolar que lhe é atribuída neste Regulamento;
- u) Homologar as classificações anuais e a classificação final dos alunos;
- v) Assinar as cartas de curso e os diplomas de licenciatura, de prémios e recompensas.

2 — O comandante dispõe de um estado-maior pessoal.

Artigo 7.º

Coadjuvação

No desempenho das suas funções, o comandante é directamente coadjuvado pelo 2.º comandante, pelo director de Ensino, pelo comandante do Corpo de Alunos e pelo director dos Serviços Gerais.

SUBSECÇÃO II

2.º comandante

Artigo 8.º

Nomeação

O 2.º comandante é um brigadeiro do Exército, nomeado pelo CEME, ouvido o comandante da AM.

Artigo 9.º

Competências

- 1 — O 2.º comandante é o substituto legal do comandante.
- 2 — Compete ao 2.º comandante coadjuvar o comandante no cumprimento da missão da AM e exercer as competências que este nele delegar.
- 3 — Ao 2.º comandante compete, designadamente:
- a) Coadjuvar o comandante em todos os actos de serviço;
- b) Despachar os assuntos que lhe tenham sido atribuídos, em conformidade com as directivas e determinações do comandante;
- c) Presidir à comissão de recrutamento e admissão dos alunos;
- d) Superintender no cumprimento das directivas internas do comandante relativas à segurança do pessoal, do material e das instalações;
- e) Desempenhar as tarefas específicas que nele forem delegadas pelo comandante.

SUBSECÇÃO III

Órgãos de apoio do comando

Artigo 10.º

Estrutura

O apoio do comando é assegurado pelos seguintes órgãos:

- a) Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP);
- b) Gabinete de Informação Interna, Relações Públicas e Acção Cultural (GIIRPAC).

Artigo 11.º

Gabinete de Estudos e Planeamento

1 — O GEP tem por função apoiar a acção do comando mediante a elaboração de estudos e planos que lhe forem cometidos pelo comandante, competindo-lhe, designadamente:

- a) Organizar e manter actualizada a legislação respeitante ao sistema de ensino universitário português, nomeadamente nas áreas com especial interesse para a AM;

- b) Constituir e manter actualizados processos de legislação e informações relativas aos estabelecimentos militares de ensino superior congéneres, nacionais e estrangeiros;
- c) De acordo com a orientação do comandante, estudar e propor nova legislação ou alterações à legislação em vigor, tendo em vista a sua permanente adequação à evolução do ensino;
- d) De acordo com a orientação do comandante e em estreita coordenação com a Direcção de Ensino, elaborar estudos que visem a reestruturação do ensino e projectos de convénios e protocolos, a celebrar ao abrigo do Estatuto da AM;
- e) Manter actualizado um arquivo de dados técnicos relativos às infra-estruturas de ensino da AM, coligidos através de informações prestadas pelas entidades responsáveis por essas infra-estruturas;
- f) Colaborar com a Direcção de Ensino no estudo da metodologia de avaliação dos resultados do ensino, nos aspectos da sua validação interna e externa e do rendimento pedagógico do corpo docente.

2 — O GEP é chefiado por um oficial superior nomeado pelo comandante.

3 — Sempre que necessário, o GEP poderá ser reforçado transitoriamente com meios humanos indispensáveis à concretização de determinadas tarefas específicas.

Artigo 12.º

Gabinete de Informação Interna, Relações Públicas e Acção Cultural

1 — O GIIRPAC tem por função apoiar o comando, competindo-lhe, designadamente:

- a) Em conformidade com a orientação do comandante, promover, através dos canais de comando, a informação interna, com vista a um adequado esclarecimento e informação do pessoal militar e civil que presta serviço na AM;
- b) Constituir e manter actualizado o processo de toda a regulamentação e determinações do EME relativas a informação interna, relações públicas, cerimonial e protocolo;
- c) Propor o programa e preparar as visitas oficiais à AM;
- d) Conduzir as acções de protocolo nas cerimónias da AM;
- e) Divulgar, em conformidade com orientação superior, notícias e registos de actividades da AM;
- f) Promover e orientar a produção de registos de imagens de momentos significativos da vida da AM, ao longo de cada ano lectivo;
- g) Organizar álbuns ou outros arquivos de registos de imagens de actividades seleccionadas de cada ano lectivo e proceder à sua entrega na biblioteca, com vista à elaboração da história da AM;
- h) Organizar o processo de recortes de imprensa e da imagem externa da AM nos meios de comunicação social;
- i) Divulgar internamente as actividades militares, científicas, culturais, sociais, recreativas e desportivas da AM;
- j) Em conformidade com orientação do comandante, manter ligação com órgãos de comunicação social e com entidades e organismos ligados a actividades culturais;
- k) Preparar as missões ao estrangeiro de pessoal da AM, em coordenação com os órgãos competentes do EME;
- m) Manter ligação com o Gabinete de Difusão de Informações e Relações Públicas (GDIRP) do EME, designadamente aquando da organização e realização de cerimónias ou outras actividades de maior projecção da AM;
- n) Colaborar com a Direcção de Ensino e o comando do Corpo de Alunos na elaboração do projecto do plano anual das actividades culturais de natureza circum-escolar;
- o) Estudar, elaborar ou apreciar propostas de intercâmbio com instituições universitárias e académicas, nacionais ou estrangeiras, congéneres;
- p) Estudar e propor as medidas adequadas à obtenção de uma boa imagem externa da AM;
- q) Propor, promover e orientar a edição de publicações de natureza cultural e recreativa, incluindo os livros de curso, de iniciativa dos alunos;
- r) Em coordenação com o comando do Corpo de Alunos e a Direcção de Ensino, planear e organizar a recepção de alunos estrangeiros que frequentem a AM ao abrigo de acordos de cooperação.

2 — O GIIRPAC é chefiado por um oficial superior nomeado pelo comandante.

3 — Sempre que necessário, o GIIRPAC poderá ser reforçado, transitoriamente, com meios humanos indispensáveis para concretização de determinadas tarefas específicas.